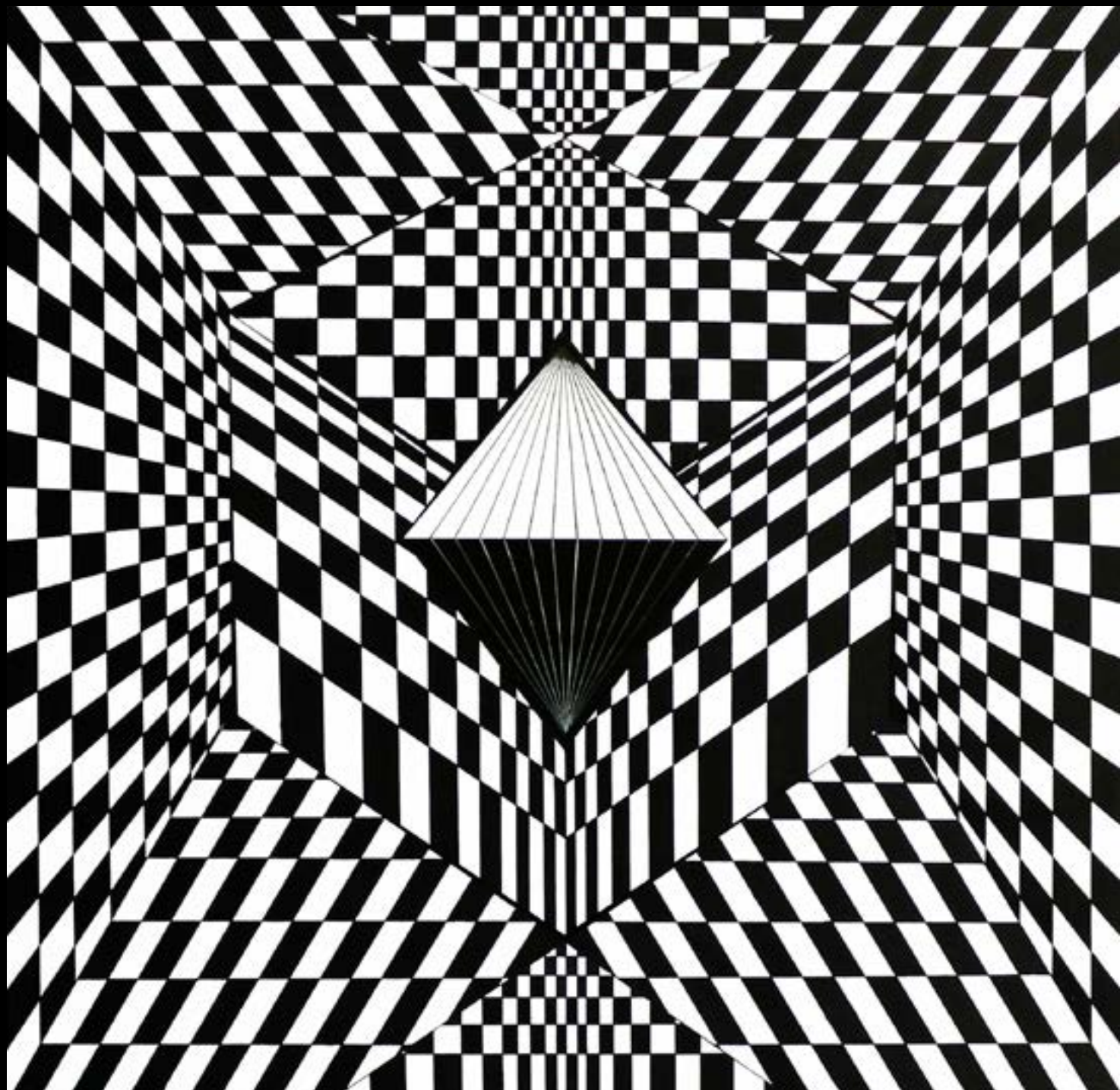


# ARTRILHA

revista



2a. edição

DEZEMBRO 2020

# ARTRILHA

REVISTA



Artrilha Editora

# Artrilha Revista

Edna Carla Stradioto



2a. edição - dezembro de 2020

Published by Artrilha Editora

## Edição

Edna Carla Stradioto

## Corpo editorial

Edna Carla Stradioto

Henrique Stradioto

Rafael Zafalon

## Projeto gráfico e edição

Edna Carla Stradioto

## Arte da capa

Rodrigo Eloi

## Revista Artrilha

É um projeto digital do grupo Artrilha, cuja publicação é gratuita, assim como a distribuição, sendo totalmente proibida a cobrança e venda da publicação.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stradioto, Edna Carla  
Revista artrilha [livro eletrônico] / Edna Carla  
Stradioto. -- 2. ed. -- São José do Rio Preto, SP :  
Artrilha Editora, 2020.

PDF

ISBN 978-65-991768-1-4

1. Artes 2. Arte brasileira 3. Artes visuais 4.  
Artes plásticas I. Título.

20-51357

CDD-730.920981

### Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil : Exposições : Catálogos  
730.920981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos desta edição reservados à Artrilha Editora

@artrilha



Olá!

Para minha honra e orgulho, após o lançamento da primeira edição da Revista Artrilha, muito *feedback* positivo chegou até mim, uma prova social indubitável e inesperada sobre o sucesso do projeto. Arqueiei todas as mensagens recebidas, de artistas e público, mas até hoje, quando releio, eu me assusto. Apesar de tudo isso, o que ficou, como moral da história, é que tudo que se faz com responsabilidade e seriedade, comprometimento e dedicação, ética e humildade, entre outros princípios que deveriam permear tudo que se faz na vida, o resultado atingido é e será muito bom, e quase sempre, a superação das expectativas é conquistada. Mas acima de qualquer coisa, o que me traz enorme desejo e inspiração para continuar é o eterno aprendizado; aprender sobre design digital, aprender sobre a ansiedade e esperança de enaltecimento dos artistas que entram no projeto, aprender sobre o gerenciamento de tempo e as diversas fontes de informações que chegam e precisam ser organizadas e manipuladas com extrema sistematização, aprender com os erros cometidos na primeira vez e fazer de tudo para superá-los na próxima, aprender a ver esses erros com acatamento e continuar respeitando-me apesar deles terem existido, aprender a sonhar mais... sempre mais! É de sonhos que eu construo meus dias, e depois de pensar neles amistosamente, eu os acalento e os mantenho vivos dentro de mim, ao ponto de se transformarem em projetos, ganharem métodos e cronogramas, saltarem para os ouvidos atentos e desejosos que anseiam por viver meus sonhos comigo. São assim os meus dias: meus pensamentos no espaço, meus pés fincados no chão.

A segunda edição era para mim a confirmação de que eu não vivia um sonho ímpar. Dar continuidade ao projeto, era uma afirmação pessoal incontestável de que eu tinha criado uma forma original e espontânea de mostrar a arte visual. Longe de mim dizer que é inovadora, mas fato é que a Revista Artrilha tem uma autenticidade intrépida, uma linguagem exuberante, e uma estética marcada pela ruptura com todos os padrões de livros de artes que viraram um paradigma estável e maçante. Eu diria mais, eu diria até que os artistas estavam ansiosos por ter suas artes dispostas de uma maneira mais arrojada, sem a higienização visual desses catálogos, e trazidas para o mundo real das possibilidades e muito mais próximo do que existe: a arte inserida em cenários, dispostas em diversos formatos, despojadas da elitização que muitos tentam forjar no mundo cultural.

Eis a segunda Revista Artrilha, que traz a geometria ao protagonismo. A mesma geometria que se encontra em pedras, madeiras, muros, argamassas, areias, cimento, e materiais diversos que nos rodeiam e que nos alimentam enquanto artistas.

Os mesmos materiais servem como criação em mãos artísticas, criam muros e paredes nas quais se penduram quadros e obras de arte, são também os mesmos que, num olhar menos atento, poderiam ser considerados apenas como obstáculos na vida de um artista. Veja a linda metáfora da vida contida nessa edição: o mesmo elemento que ajuda artisticamente, é o mesmo que impede de caminhar facilmente na jornada. Mas esses elementos que nos cercam, que fazem com que nosso mundo seja mundo, que transformam a casa num ambiente mais acolhedor, e que são matéria-prima essencial para tudo que se cria e inspiram o fazer artístico, foi posto na revista para mostrar que a arte não vem deslocada da essência matérica, ela existe para sair do atelier do artista e ganhar novos lares. A tecitura desses elementos à revista não foi uma escolha aleatória, ela narra, em conjunto a cada obra, a sua inserção na vida cotidiana e mostra ao leitor que a arte deveria estar sempre à mostra, sempre visível, sempre parte do dia-a-dia; enfeitando paredes, colorindo a retina e a rotina, preenchendo espaços vazios, cultivando afetos, criando laços, produzindo inspiração, alimentando almas.

Meu mais sincero desejo é o de que eu tenha valorizado cada artista à altura da sua dedicação à carreira. Mas preciso deixar o registro formal dos agradecimentos. A essencial participação dos jurados na seleção dos artistas para os quais jamais terei palavras suficientes de agradecimento: Adriana Scartaris, Chico Cortez, Clara Afonso e Rafael Zafalon. Agradeço especialmente à fé quase incondicional que cada artista depositou e deposita em mim, e a eles eu digo que sempre estive em meus pensamentos a maior gratidão por cada um de vocês. Agradeço imensamente ao corpo editorial, Rafael Zafalon e Henrique Stradioto, que contribuíram sobremaneira na elaboração da edição. Por fim, e não menos importante, eu agradeço a cordialidade e presteza de Oscar D'Ambrósio, a generosidade e prontidão de Rosa Artigas, a atenção e companheirismo de Rui Amaral, a solicitude e zelo de Patrícia Reis Buzzini, madrinha da Revista Artrilha; sem vocês, e toda a experiência por trás de suas carreiras, colocada à serviço do engrandecimento da edição, certamente, a revista não teria a mesma qualidade. Meu muito obrigada.

Um grande abraço! Espero que curta cada página!

*Edna Carla Stradioto é artista plástica, fundadora e administradora do grupo de artista independentes Artrilha: artistas criando trilhas, sócia da Artrilha Editora. É mestre em teoria da imagem pela UNESP e doutoranda na mesma área pela Universidade do Minho. Com o Artrilha já criou os projetos da Revista Artrilha, Salão Nacional de Artes Visuais Virginia Artigas, e tem em andamento o leilão de artes e o festival de aquarela 2021.*

## O NOME

NEOLOGISMO: nada mais é do que o emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes. A fundadora do grupo juntou duas palavras: arte e trilha. Ao fazer isso, a intenção dela foi a de indicar que o grupo seria composto por artistas criando trilhas. Os próprios artistas do grupo buscam caminhos alternativos na produção cultural e se unem para a elaboração de projetos novos no mundo artístico.



## O LOGO

A sequência áurea ou Fibonacci formam o famoso retângulo de ouro que consiste no conceito visual formado pela espiral, representado pelos retângulos que se desdobram matemática e numericamente, dividindo-se como se fossem arcos em seu interior. Essa sequência é encontrada em vários padrões da natureza e é um objetivo estético perseguido por muitos artistas, então pareceu natural que a logotipo do Artrilha a tivesse em seu design. O caminho formando um traçado em percurso dentro da sequência Fibonacci na marca, ajuda a ilustrar a ideia de alguém tomando um rumo, seguindo algum destino, pegando um atalho. Dessa forma, o logo conseguiu simbolizar de maneira consistente o significado do grupo: artistas criando trilhas.

## QUEM SOMOS

Artrilha Editora e Artrilha:  
artistas criando trilhas



O Artrilha nasceu dessa minha insistência em acreditar que a união faz a força e que permite-se ir mais longe; porque o caminhar solitário do artista visual é muito desanimador em alguns momentos, e a divisão de experiências é fomento importante na carreira. Acredito que consistência e coerência também podem ser trabalhadas em conjunto, e acho até que são possibilidades mais concretas quando se tem propósito em comum com outros colegas.

Admito que não é fácil lidar com pessoas e expectativas tão distintas, e que são poucos os que se comprometem verdadeiramente com o voluntariado. São ainda mais raros os que compreendem a extensão do objetivo do grupo e, portanto, é um trabalho praticamente diário o de lembrar os membros de agir pelo bem comum, mostrar os benefícios de atuar em projetos coletivos, e deixar claro que estamos no começo de uma trilha que nos levará à distinção pela seriedade, comprometimento e ética.

Desanimar é normal no processo, mas para cada dia desmotivado, eu renasço e desperto para um novo dia cheio de entusiasmo e novas ideias. Dizem que eu sou cheia de energia e contagio quem está por perto, mas a grande verdade é que a energia que dou é aquela que eu recolho da vida e do mundo, e meu contagiar é apenas uma grande extravagância de personalidade e uma auto-confiança enorme em ser eu mesma; sou espalhafatosa, e gosto muito de ser assim.

Eu acho que tem um monte de artistas por aí que precisam conhecer esse propósito do grupo, que adorariam plantar essas sementes comigo e depois, lá em algum momento atemporal, sabe-se quando, sentare ao meu lado e desfrutar comigo a colheita, que certamente virá. Nada no mundo faz mais sentido para mim do que fazer o Artrilha acontecer, deixar um nome indelével de coletivo das artes visuais, e plantar e colher como ninguém no plano cultural.

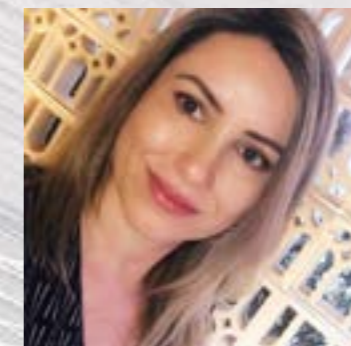
Ouviu meu chamado? Procure por mim, apresente-se, será acolhido e bem-vindo!

Edna Carla Stradioto

---

## PREFÁCIO

Patrícia Reis Buzzini



### Mulheres: artistas ou musas?

O empoderamento feminino vem de uma construção histórica de fatos e acontecimentos que marcaram o desenvolvimento da sociedade em todo o mundo. Sabe-se que, por muito tempo, a mulher esteve submetida ao controle patriarcal e posteriormente ao poder marital, com sua voz calada e pensamentos suprimidos. Graças a inúmeros protestos e lutas (nem sempre) pacíficas e silenciosas, a mulher conseguiu conquistar direitos e condições mais igualitárias no mercado de trabalho. Contudo, os reflexos dessas desigualdades ainda podem ser observados no que tange à situação feminina no cenário artístico e cultural brasileiro e internacional. Para se ter uma ideia, basta fazer um breve passeio por renomados museus e livrarias em busca de obras assinadas por mulheres.

Na Europa, há registros de que, até o final do século XIX, instituições como o enciclopédico Museu do Louvre e a École des Beaux-Arts (EBA) de Paris eram voltadas exclusivamente para o público masculino. Em 1867, a escola francesa inaugurada por Rudolf Julian foi pioneira ao abrir um curso para mulheres, a princípio, com pouquíssimas vagas. Na Alemanha, as conceituadas Academias de Berlim e de Dusseldorf passaram a aceitar alunas somente após 1914. De acordo com pesquisa divulgada pelo Instituto Tomie Ohtake, as mulheres começaram a ser aceitas na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro no ano de 1892, e restringiam-se à pintura de retratos, paisagens, naturezas-mortas, e outras modalidades artísticas que não envolvessem a representação do corpo humano. Além disso, consta que muitas mulheres foram obrigadas a atuar apenas como modelos e musas por falta de acesso ao ambiente acadêmico.

Na literatura, a escritora Virginia Woolf discorreu sobre a influência das discrepâncias sociais na produção literária feminina em *Um teto todo seu* (1929). Neste ensaio, a autora esclarece que as primeiras escritoras inglesas só conseguiram se publicar porque contaram com uma combinação favorável de condições materiais: eram ricas, sem filhos, e tinham maridos que não se opunham às suas “excentricidades”. Contudo, o estigma de literatura feminina como algo frívolo e monotemático, segundo Wolf, influenciou autoras como Jane Austen e as irmãs Brönte a utilizarem pseudônimos masculinos.

No famoso artigo de Linda Nochlin “Por que não houve grandes mulheres artistas?” – recentemente traduzido para o português por Juliana Vacaro (2016) – a historiadora e professora de arte americana questiona pressupostos ingênuos e distorcidos sobre o fazer artístico, como a visão de “grande artista” como um “ser único, precoce, dotado de um grande talento e uma aura mágica”, por contribuírem para a naturalização da ideia de inaptidão e de falta de êxito das mulheres nas artes. Como observa Nochlin:

“O fazer arte envolve uma forma própria e coerente de linguagem, mais ou menos dependente ou livre de convenções, esquemas ou noções temporalmente definidos que precisam ser aprendidos ou trabalhados através do ensino ou de um período longo de experimentação individual. A linguagem da arte, materialmente incorporada em tinta, linha sobre tela ou papel, na pedra, ou barro, plástico ou metal nunca é uma história dramática ou um sussurro confidencial”.

Seguindo essa linha de pensamento, a historiadora ressalta a importância de se ampliar as oportunidades de engajamento emocional e intelectual de mulheres no meio artístico, para que possamos alcançar mais equilíbrio com relação à quantidade e à representatividade de obras realizadas por artistas de ambos os sexos. Até o momento, poucas artistas brasileiras conquistaram tanto destaque como Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, participantes da Semana de Arte Moderna de 1922. Em sintonia com essas questões, é com muita alegria que parabeno a REVISTA ARTRILHA, em sua segunda edição, pela justa homenagem à artista brasileira Virginia Camargo Artigas (1915-1990), excepcional ilustradora, serigrafista e militante, cujo trabalho ficou fora do circuito de galerias e do mercado de arte durante muito tempo. Enfim, é chegada a hora de conhecermos nossas Virgínicas, Marias e Clarices.

*Patrícia Reis Buzzini é tradutora, escritora e articulista no Jornal Diário da Região, especializando-se em matérias sobre literatura, arte e cultura. É doutora em Estudos Linguísticos (UNESP), chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc) e membro da Academia Rio-Preteense de Letras e Cultura (ARLEC).*

## Sobre Virgínia

Depois de mais de um século, Virgínia Camargo volta a São Carlos, cidade onde nasceu, para emprestar seu nome ao I Salão Nacional de Artes Visuais organizado por Rafael Zafalon e Edna Stradioto e pela Editora Artrilha, em parceria com o Instituto Virgínia e Vilanova Artigas. O Salão foi realizado no começo de novembro, virtualmente.

Até pouco tempo atrás, Virgínia só era conhecida como a mulher do arquiteto João Batista Villanova Artigas, cuja obra desfruta de enorme prestígio na história da arquitetura brasileira do século XX. Em parte, o brilho do marido a ofuscou em tempos em que ser mulher era viver na sombra e participar da vida como coadjuvante.

E outras conjunturas também contribuíram para o apagamento de Virgínia da história da arte moderna brasileira. Creio que a principal delas tenha sido sua escolha pela militância política nos movimentos de

esquerda. Era o auge da Guerra Fria, tempos de polarização, de pouca indulgência e diálogo entre os diferentes grupos, e Virgínia participava de todas as campanhas populares e movimentos sociais da época com suas gravuras e desenhos. Quanto mais se dedicou ao trabalho político, mais ela foi excluída do mercado de arte e mais se apagou do circuito intelectual.

Virgínia começou sua carreira como pintora e desenhista quando passou a frequentar os ateliês do Edifício Santa Helena e a conviver e aprender com os pintores “operários” da Família Artística Paulista



Autoretrato  
Óleo sobre tela  
90x75 cm  
1954

como Francisco Rebolo, Alfredo Volpi, Mário Zanini, na década de 1940. Realizou sua primeira exposição individual na Livraria Brasiliense nos início dos anos 1940 e integrou a mostra coletiva do X Salão de Artes Plásticas, na Galeria Prestes Maia, em 1946, cuja participação lhe rendeu a “Medalha Mário de Andrade”. Tudo indicava que ela teria um caminho claro e virtuoso a percorrer. Já estava casada com Vilanova Artigas e participava dos movimentos de oposição desde ditadura de Getúlio Vargas.

No início dos anos 1950, Virgínia foi ilustradora de alguns jornais populares, em especial do quinzenário “Terra Livre”, jornal de tiragem nacional, dirigido aos trabalhadores rurais. Nessa época, o trabalho de ilustrador era bastante utilizado na imprensa de modo geral e, particularmente na imprensa popular, porque saía mais barato fazer o clichê para impressão de um desenho ou gravura, do que imprimir fotografias. Muitos artistas desenharam para jornais, revistas e livros, nesse período.



## COLUNISTA CONVIDADA

Rosa Artigas

Hoje, faz exatamente 105 anos que Virgínia nasceu numa casa modesta de um conjunto operário, da Rua Aquidabã, próximo da estação da Estrada de Ferro da antiga, no centro de São Carlos. Essa coincidência me fez pensar, enquanto escrevo este texto, em como a história e a memória nos prega peças. Acaso ou destino, o tempo - passado e presente - me diz que ainda precisamos de mulheres valentes como Virgínia Artigas.



Cartaz para o dia internacional da mulher  
Xilogravura  
70x50 cm  
1980



Sem título  
Xilogravura  
35x50 cm  
1979

Rosa Artigas  
São Paulo, 27 de novembro de 2020,  
(105º aniversário de Virgínia Camargo Artigas).

Filha de Vilanova e Virgínia Artigas, é historiadora formada pela Universidade de São Paulo (USP). Organizou os livros Paulo Mendes da Rocha v. 1 (2000), Arquiteto João Walter Toscano (2002), Caminhos da Arquitetura (2004), Paulo Mendes da Rocha v. 2 (2007) e Caminhos do Elevado - Memória e Projetos (2009).

## Arte em tempo de coronavírus

Palavras como novo coronavírus, COVID-19, pandemia e “novo normal” passaram a povoar o nosso imaginário nos últimos meses. Por isso, em 28/3/2020, criamos o projeto @arteemtempodecoronavirus, que consiste em chamar artistas visuais, de qualquer estilo, a encaminhar as suas imagens para publicação gratuita.

Cada imagem postada é acompanhada de um breve texto de reflexão de minha autoria que busca fazer uma leitura de cada imagem ou vídeo em uma caminhada linguística e simbólica que permite pensar o andamento de toda situação que se está vivendo sob diversos aspectos.

Observando o conjunto dos trabalhos, torna-se possível verificar seis vertentes de raciocínio visual perante a situação mundial em que a higienização e o isolamento se configuraram como estratégias de resposta à dor. De certa maneira, o ato de fotografar, pintar, desenhar ou se manifestar de alguma maneira constitui um ato de reação ao mundo.

### 1. Reações emocionais

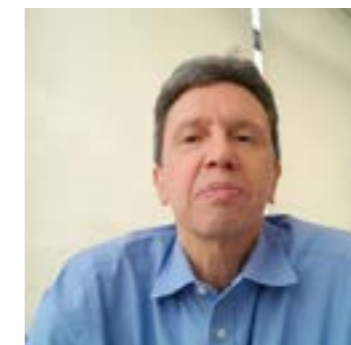
Um caminho que as imagens tomam é o de reações emocionais, motivadas pela impressão inicial. Sem utilizar muito a razão e o pensamento, alguns trabalhos estão marcados pela expressividade e por uma certa imprevisibilidade, oscilando entre os desejos de criar um mundo melhor ou de se afundar em uma depressão temendo o pior para a humanidade.

### 2 - Busca de respostas racionais e científicas

Há, porém, aquelas obras pautadas por um certo minimalismo, caracterizadas pela confiança na construção de um novo mundo pautado pela busca de respostas racionais e científicas para que todas as pessoas possam viver melhor, independentemente de sua classe social, gênero, etnia ou qualquer outra variável humana.

### 3 - Criatividade

Essa busca de luz em meio às trevas resulta em obras que se caracterizam pela criatividade. São os que buscam soluções aparentemente inusitadas, seja em termos visuais ou mesmo pelo sentimento interno de uma inquietação que é transmitida para o trabalho visual. Nesses casos, a temática do reaprender a ver e a viver no mundo passa a ser essencial.



## COLUNISTA CONVIDADO

Oscar D'Ambrósio

### 4 - Pessimismo

Perante a escuridão, as luzes da esperança da arte iluminam caminhos. Mesmo assim, existe um clima mais apocalíptico em alguns trabalhos, na linha de um intenso pessimismo não só com a COVID-19, mas também - e principalmente - em relação à questão social, já que os abismos tendem a se aprofundar com a crise econômica em processo.

### 5 - Novo Cosmos

O risco dessa postura é não acreditar que exista alguma alternativa para sair de uma possível era de trevas. A contrapartida estaria nas obras que parecem apontar que o caos é necessário para criar um novo cosmos, na linha de que as crises geram oportunidades. Sendo assim a avaliação ponderada do que deve ser feito para erguer um novo mundo é essencial.

### 6 - Ponderação

Há, porém, aquelas criações visuais que parecem conseguir articular todos esses caminhos. Seriam trabalhos que filtram a espontaneidade das reações mais emocionais perante o impacto da pandemia, acreditando nas possibilidades de construção de um amanhã melhor e abrindo espaços para soluções criativas de modo a alertar para as ameaças do ódio e da negatividade, acreditando, assim, na ponderação que poderia erguer o mundo pós-pandemia.

O conjunto de trabalhos do projeto, que inclui artistas e jovens de todos os estilos e procedências, constitui, portanto, um painel do período de reclusão nas suas mais variadas manifestações. Observar o todo é degustar um delicioso tratado artístico e sociológico em que cada ser humano manifesta, à sua maneira, sentimentos e percepções perante uma crise.

*Oscar D'Ambrosio (@oscardambrosioinsta) é jornalista pela USP, mestre em Artes Visuais pela Unesp, graduado em Letras (Português e Inglês) e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Coordena o projeto @arteemtempodecoronavirus e é responsável pelo site [www.oscardambrosio.com.br](http://www.oscardambrosio.com.br)*



## Um Projeto de Lei para o Graffiti

Tudo começou por volta do início dos anos 80, Vila Madalena, Beco do Batman, Buraco da Paulista, minhocão, primeiro grande projeto dos grafiteiros com apoio da prefeitura foi na gestão da Luiza Erundina, pintamos todos os pilares do elevador. Nas gestões seguintes Maluf e Pitta anos 90 uma década praticamente perdida. Retomamos o diálogo com o governo Marta, com o projeto São Paulo Capital Graffiti, mapeamos toda a produção e criamos murais nos quatro cantos da cidade.

Na gestão de José Serra criamos o Fórum de Arte de Rua, começamos a nos reunir em um grupo maior e fizemos uma mediação dos pichadores com a secretaria de segurança pública. Já na gestão Serra/Kassab foi criada uma comissão de artistas e demos continuidade a construção de um grande evento que culminou na pintura dos murais na Avenida 23 de Maio, na gestão do Fernando Haddad, quando também pintamos o túnel Noite Ilustrada. Esse estímulo à difusão da arte urbana são referências de políticas públicas de sucesso internacional.



Ao lado:  
Arte de Rui Amaral

A gestão Doria começou apagando com cinza exatamente esse mesmo trabalho. Naquele quiprocó conseguimos uma reunião e mostramos o que queríamos, e no final, o prefeito reconheceu o erro e formou novamente a comissão de artistas/produtores, e me nomeou como um dos coordenadores. Todos os projetos assim como o MAR, Museu de Arte de Rua, foram criados por uma comissão de artistas/produtores juntos à secretaria de cultura. Também na gestão Doria criamos a política dos editais para projetos de intervenções urbanas e murais; isto deveria ter continuidade através de projetos de lei de fomento assim como acontece com a dança e o teatro.

A gestão Bruno Covas começou novamente apagando um mural e dissolvendo a comissão, cancelando os editais, mas continuamos nos articulando de forma paralela até sermos novamente convidados, há um mês atrás a retomar a comissão oficial.

Precisamos dar continuidade na construção do seminário que discute todas as



**COLUNISTA  
CONVIDADO**

Rui Amaral

demandas que o movimento tem junto ao poder executivo, legislativo e judiciário, para que o resultado se transforme em um Projeto de Lei para a arte urbana.

Estamos conversando com vários vereadores de partidos diferentes para darmos início ao seminário no começo da nova legislatura. A construção participativa de um Projeto de Lei para gerar um documento referência, que auxilie as prefeituras a adotar leis, programas de fomento, difusão, conferência interdisciplinares entre cultura, educação, meio ambiente, assistência e desenvolvimento social, geração de trabalho e renda, turismo, saúde, transporte e habitação.

Um projeto de lei que de incentivo fiscal às propriedades privadas para estimularem murais em empenas de prédios, muros de condomínio, que elabore um manual de conduta que oriente a Guarda Civil Metropolitana, bem como demais autoridades policiais, a realizar uma abordagem que seja mais amigável. Para trazer fortalecimento da pesquisa e documentação do centro de memória do Centro Cultural de São Paulo, ampliando e conservando seu acervo assim como a criação de fóruns e seminários que aprofundem a reflexão sobre a produção da arte urbana. Para incorporar ao MAR atribuições museológicas com foco na arte de rua; formação de uma comissão são algumas das demandas.

O momento atual pede a participação dos artistas no debate e na formulação de propostas a fim de estabelecer um canal de diálogo permanente e participativo como Poder Público, e evidencie as expressões raciais e de gênero, especialmente a condição da mulher, para que seja uma lei cidadã de todas as cores!!!

*Rui Amaral é um dos pioneiros no movimento da arte urbana no Brasil, tendo iniciado sua carreira nos anos 1980. Formado em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), seu mural no buraco da Av. Paulista possui aproximadamente mil metros e é considerado patrimônio histórico de São Paulo (SP). É criador do personagem Bicudo, que já virou boneco de brinquedo e costuma receber inúmeras releituras.*

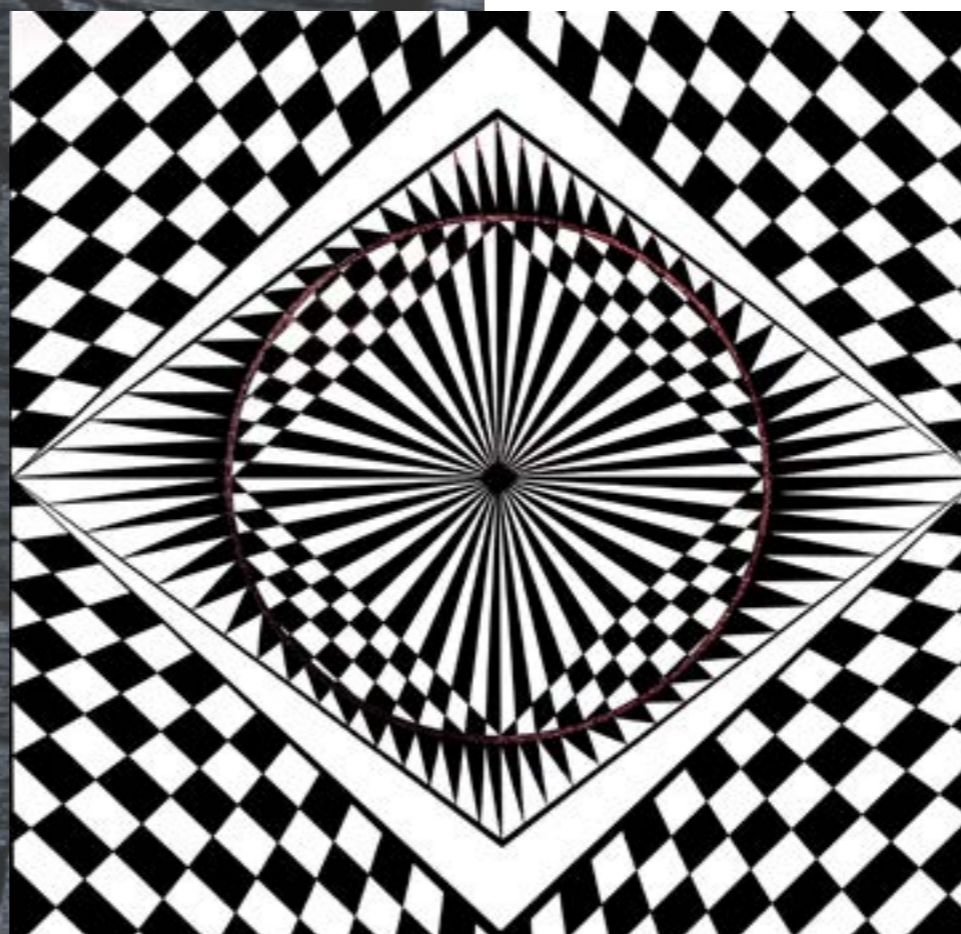
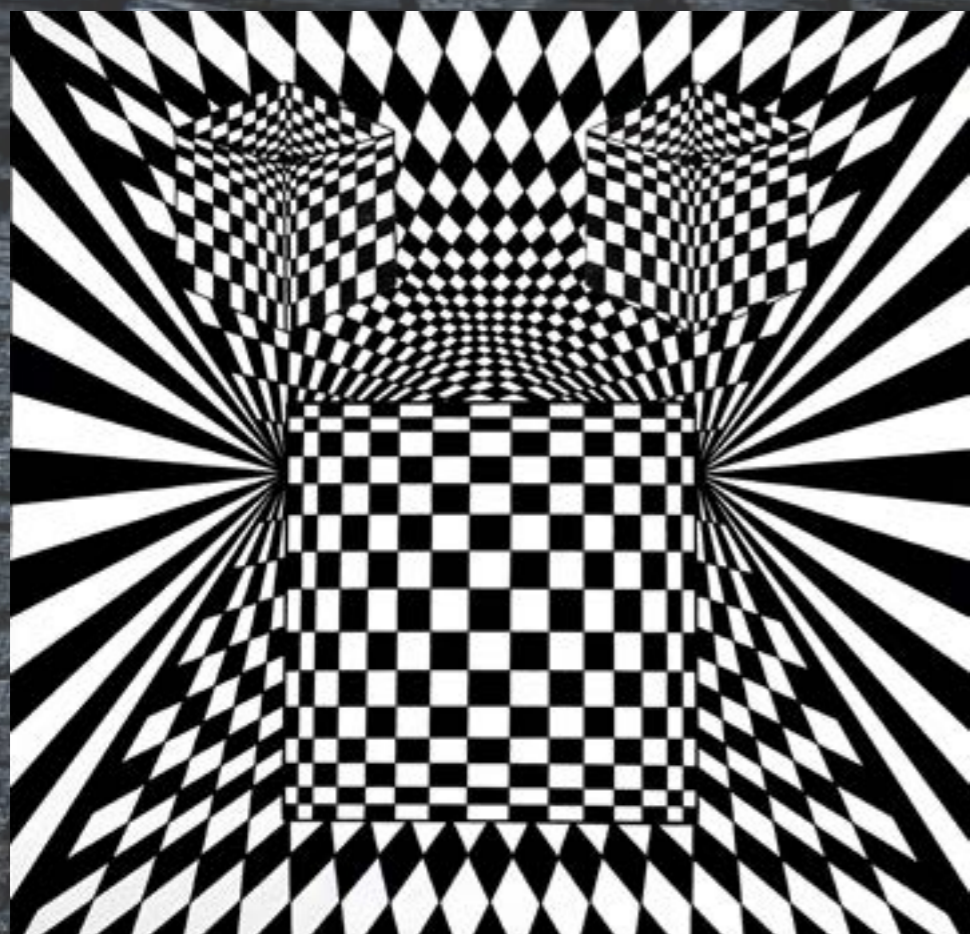
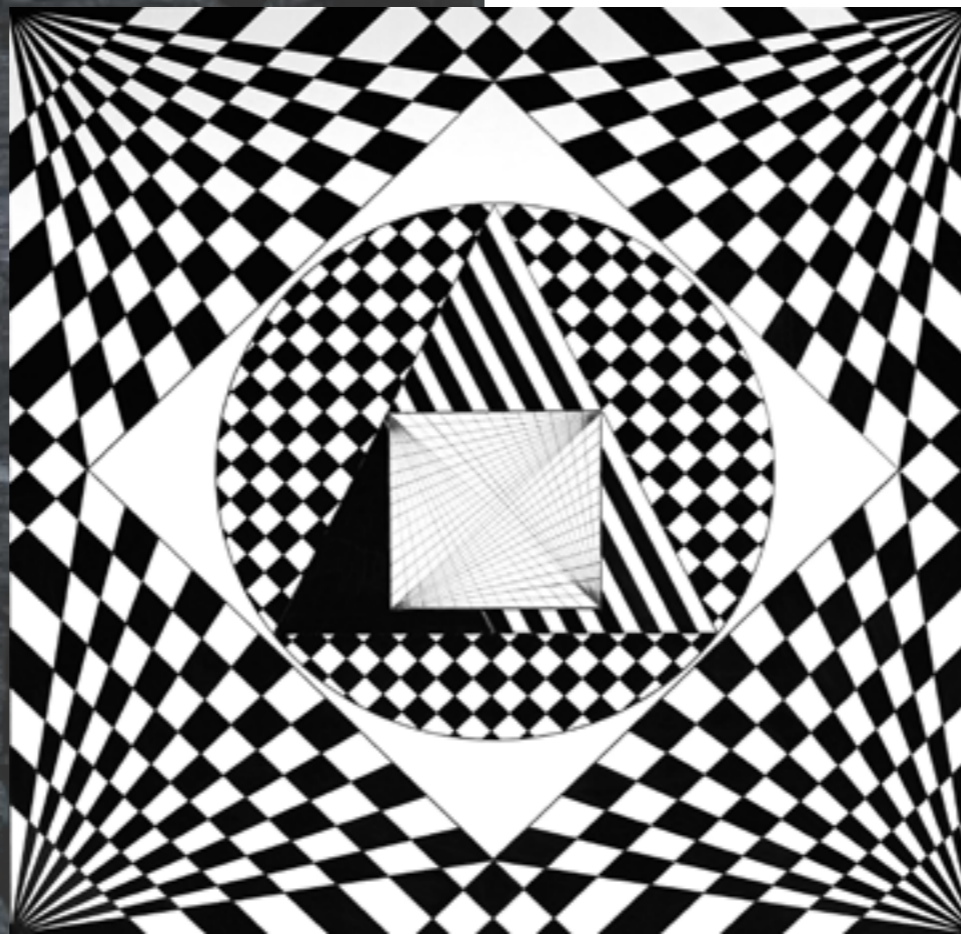
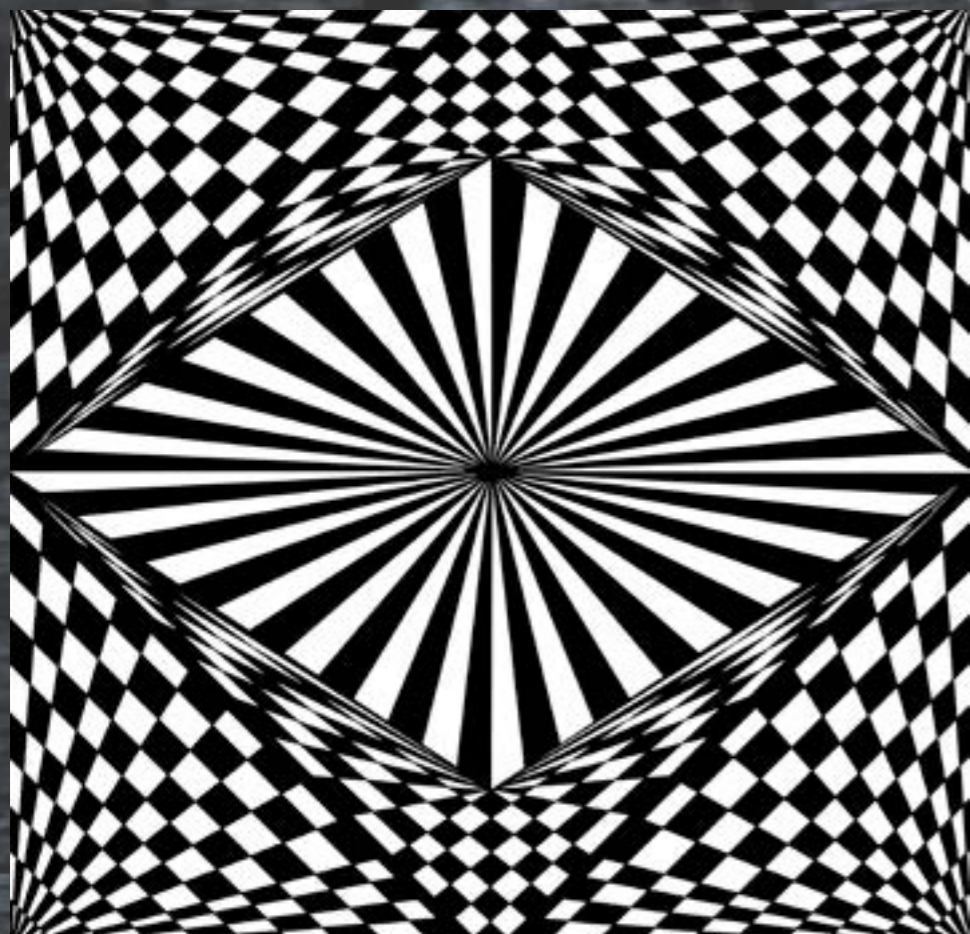
# ARTISTAS

RODRIGO ELOI: <i>ARTISTA DA CAPA</i>	20	GÊIZA BARRETO	68
JAN M.O.: <i>1o. COLOCADO NO SALÃO NACIONAL DE ARTES VISUAIS VIRGÍNIA ARTIGAS</i>	26	GINA CASTELO BRANCO	70
ALCINA MORAIS	30	INDIARA NICOLETTI	72
ALE NEVES	32	JU BARROS	74
ALESSA BAGGIO	34	LICIA VALLIM	76
ALZIRA CHALOUB	36	MARCELO LOPES	78
ANA VERONA	38	MARIA HELENA BREDA	80
ANDREA KRAUSE	40	MARILENE ZANCCHETT	82
ANGELA CANABRAVA	42	MONICA MENDES	84
ARICLENES SILVA	44	PATRICIA SKURA	86
CAMILA BORANGA	46	PLINI F	88
CAROL VERONA	48	REJANE ARRUDA	90
CRISTHINA BASTOS	50	RODRIGO PALADINO	92
CRISTINA BOTTALLO	52	SALETE LOTTERMANN	94
DANIELE BLORIS	54	SARAH BALKO	96
DINORAH ROSENCRANTZ	56	SUZANNE GOMIDE	98
ELIANA PIERRI	58	VINI COSMOS	100
ELIANE MAGNANI	60	VINICIUS DE PAULA	102
EMILIA GOLA	62	WILLIAM GRANDE	104
ERICA BRUNO	64	WILSON BOZZÓ	106
FE MOTTA	66	contatos dos artistas	110

ARTISTA DA CAPA

---

**RODRIGO  
ELOI**



## RODRIGO ELOI

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio



Pílula Visual:  
Alma geométrica

Rodrigo Eloi, designer e artista visual, empreendedor de Contagem MG, participa de diversas exposições desde 2013, e lhe convida a mergulhar em seu universo de formas abstratas. O artista utiliza dos mais diversos materiais com experimentação e fluidez. Suas obras são uma viagem íntima de integração com o todo, uma criação onde as energias das cores e dos elementos à nossa volta se ampliam com o belo e o positivo. Ele se inspira nos elementos da natureza, do universo, o abstrato, o geométrico e o humano. Como objetivo, sua visão é de ampliar as energias positivas do mundo.

No topo, da esquerda para direita:

**Profusão do olhar**  
Acrílico, posca e caneta permanente  
70x70 cm  
2020

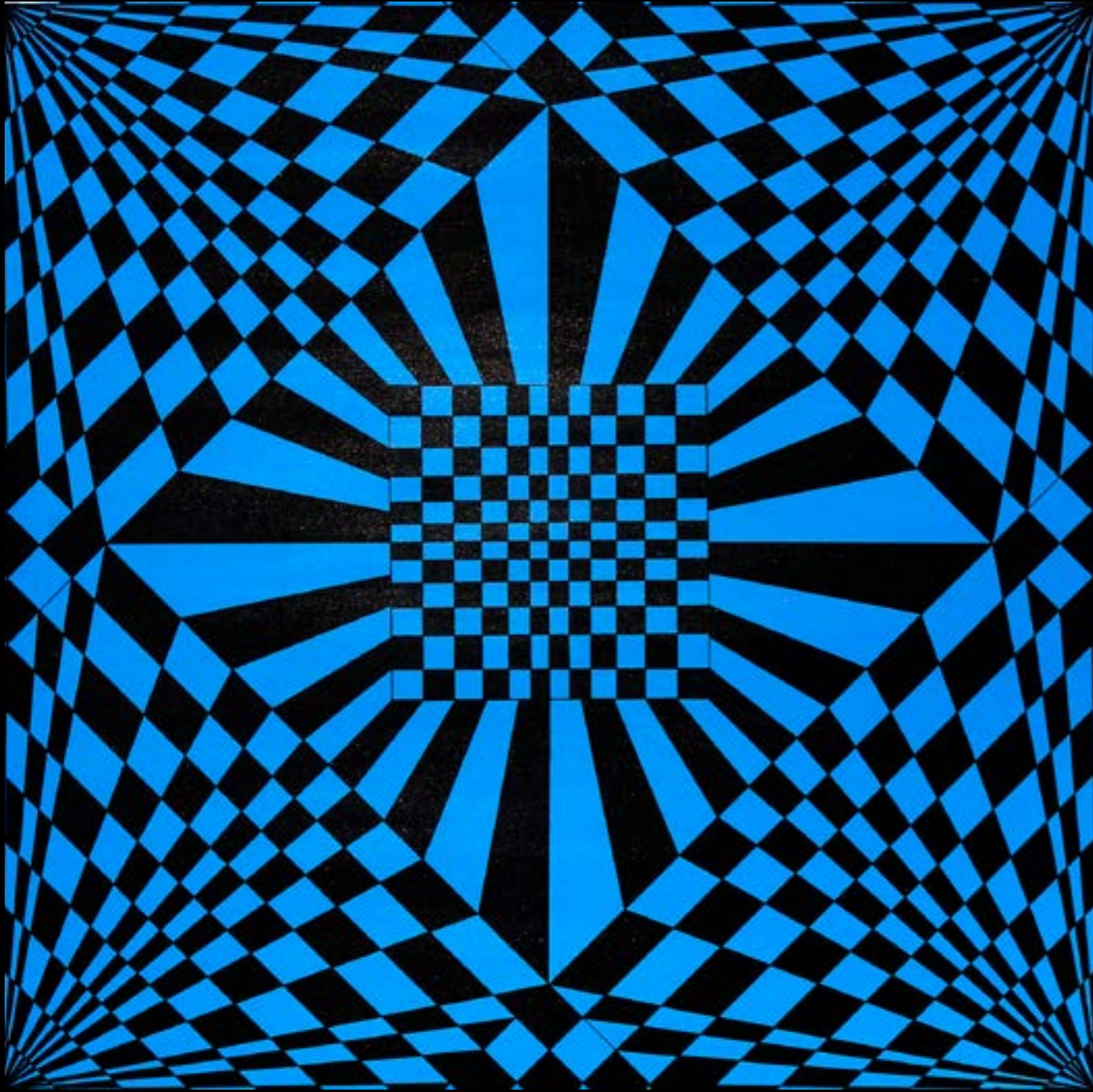
**Triade Geométrica**  
Acrílico, posca e nanquim  
70x70 cm  
2020

Abaixo, da esquerda para direita:

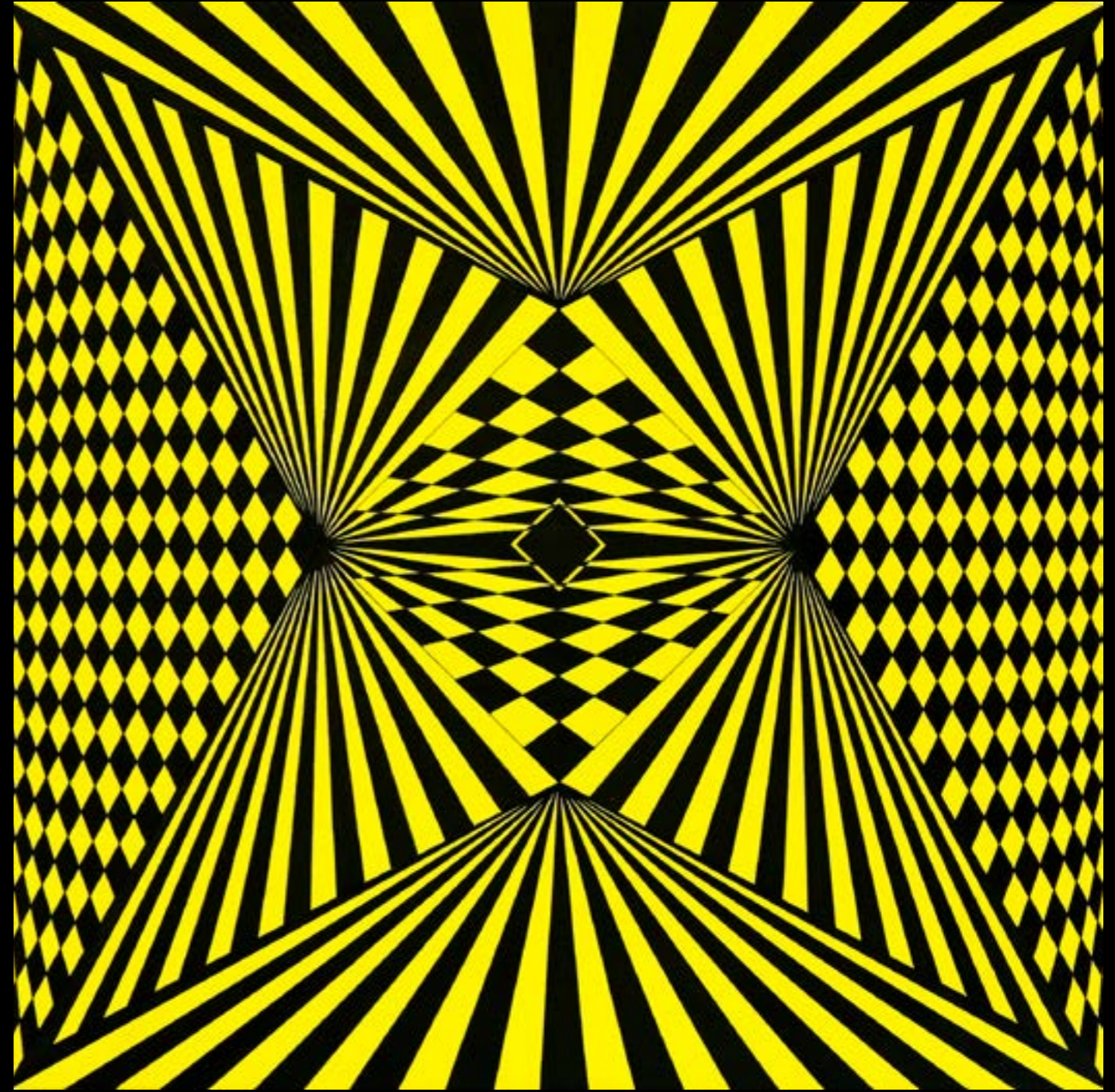
**Pitágoras**  
Acrílico, posca e caneta permanente  
70x70 cm  
2020

**Portal Pórtico**  
Acrílico, posca e caneta permanente  
70x70 cm  
2020

Círculos, triângulos e retângulos. A partir desses elementos, o artista plástico Rodrigo Eloi cria as mais imaginativas composições. Existe em sua linguagem visual a criação de portais em que as geometrias criam a possibilidade de insuspeitadas aberturas de portais. O olhar do observador é convidado a se encontrar e a se perder prazerosamente numa jornada em que as figuras estabelecem labirintos que vibram perante o nosso olhar. Esse dinamismo instaura uma peculiar dinâmica caracterizada pelo sentimento de que cada imagem é muito mais do que uma obra visual. Trata-se de um diálogo de simetrias, assimetrias, regularidades e irregularidades a alertar que as imagens não são apenas para serem olhadas e degustadas, mas para serem absorvidas como alimentos para nossos afetos e sensibilidades. Se alguém pode pensar que a geometria não tem alma, o trabalho de Rodrigo Eloi mostra o contrário.



**Quártico**  
Acrílico, posca e nanquim  
70x70 cm  
2020



**Vórtex**  
Acrílico, posca e nanquim  
70x70 cm  
2020

1o. COLOCADO  
NO 1o. SALÃO  
NACIONAL DE ARTES  
VISUAIS VIRGÍNIA  
ARTIGAS

---

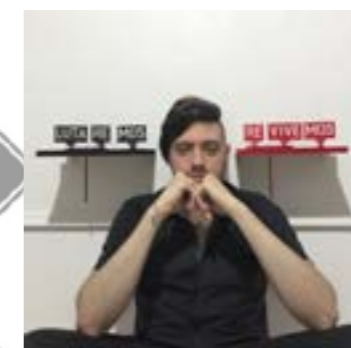
**JAN  
M.O.**

## JAN M.O.

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Engenhos verbais

Uma das maravilhas da arte contemporânea está na capacidade de ela trazer distintas linguagens para uma conversa próxima, em que diversos aspectos se conectam e dialogam, muitas vezes interagindo fraternalmente. A série "Contradanças", por exemplo, de Jan M. O., no título, evoca uma dança que é uma mistura de várias outras, com melodias diversas, caracterizada por várias seções de compassos que se repetem. Além disso, a palavra "contradança" sugere que se trata de algo contrário à dança, mas que se integra a ela – e dela precisa para se realizar. Nesse rico universo de possibilidades, o artista cria suas engenhocas verbais que possibilitam o movimento de letras e sílabas em que os binômios *relutamos/lutaremos*, e *revivemos/viveremos*; e o trinômio *resistir/existir/insistir* são apresentados em um lúdico universo de densa profundidade existencial. O engenho da máquina se junta à arte da palavra para nosso fascínio.

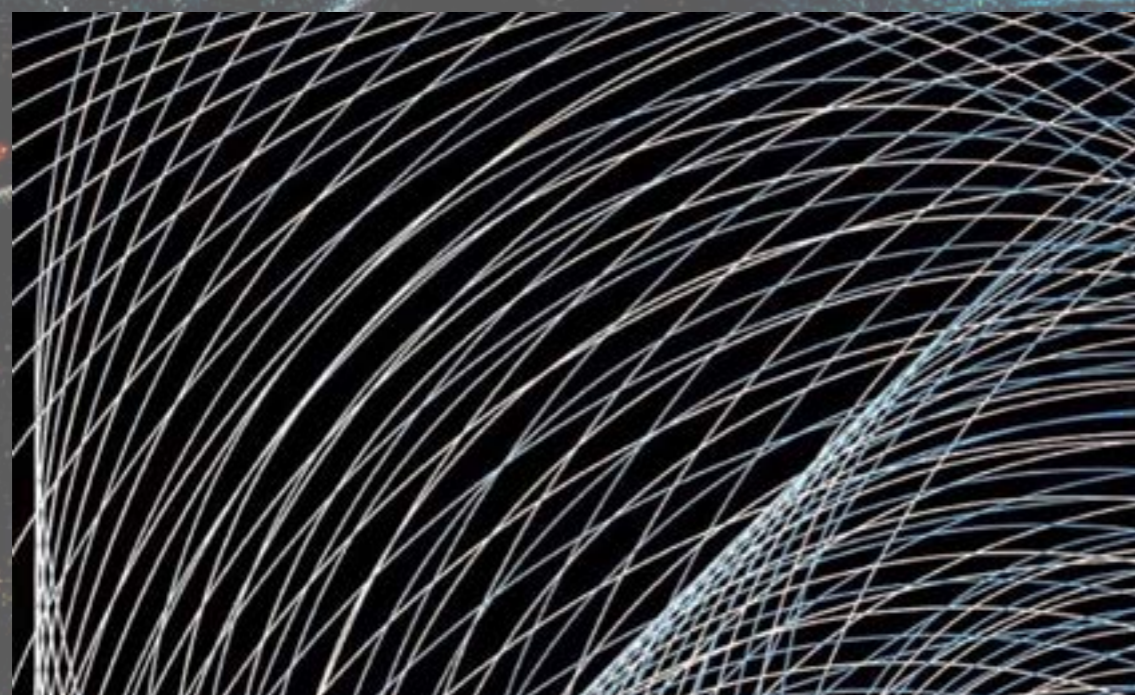


Jan M.O. (RJ, 1986) é artista visual, graduado em Design Gráfico e Programação Visual. Explora as técnicas do desenho, as práticas da gravura e a criação de objetos utilizando processos manuais e experiências industriais na elaboração de aparatos tridimensionais. Em sua trajetória assinala participação em mais de 80 exposições, destacando individuais no Amapá, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe, além de coletivas, bienais e salões em outros estados brasileiros e países como Argentina, Colômbia e Espanha.



Do topo para baixo: imagens do gif

Contradança  
Arte em gif  
2020



Do topo para baixo:

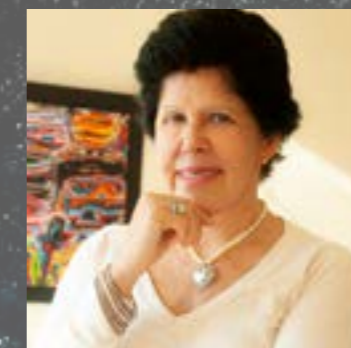
**Vermelho**  
Fotografia  
90x60 cm  
2018

**Pura Geometria 1**  
Fotografia  
90x60 cm  
2018

**Pura Geometria 2**  
Fotografia  
90x60 cm  
2018

Imagem de fundo:

**Azul**  
Fotografia  
90x60 cm  
2018



## ALCINA MORAIS

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Olhar poético

Alcina Morais é artista visual que trabalha com fotografia, realizando recortes inusitados de cenas urbanas. Participou da IV Bienal Internacional de Arte Contemporânea na Argentina - 2018, sendo premiada em 2º lugar e Menção Honrosa - Categoria Fotografia. Tem em seu currículo uma exposição individual e também mais cinco exposições coletivas, sendo uma delas em Barcelona - Espanha.

As obras de Alcina Morais são uma excelente oportunidade para refletir sobre o que é fotografia. Entre as muitas possibilidades de conceituação, destaca-se a ideia de que cada profissional lança seu olhar sobre o mundo, dando a sua interpretação para aquilo que capta. Perante o que está ao redor, fotógrafos lançam uma visualização atenta e diferenciada. Captar os detalhes e as composições ali possíveis é uma gramática. As imagens realizadas provêm de uma série de escolhas. Existem aquelas entre o que se deseja fotografar e o que se deixa de lado e também há a combinação entre numerosos elementos como os recortes, a angulação e a luz, entre outras questões técnicas responsáveis pela imagem resultante de todo esse processo. Nesse contexto, o olhar atento e poético de Alcina Morais prende nossa atenção e desafia a nossa inteligência visual.



Ale Neves, de Itu - SP, é artista plástica integral desde maio de 2019. Mesmo muito envolvida com a arte desde criança, viveu no mundo corporativo durante 23 anos, pintando durante 20 anos em paralelo. Autodidata, criou seus traços coloridos na pintura acrílica. Definiu seu conceito, como se as cores dos seus traços representassem a alma da imagem, uma energia vibratória. É a conexão de cores visíveis do espectro, como as cores que representam nossos chakras e o arco-íris, levando a reflexão de que somos energia. Então, somos de todas as cores, mesmo que, por vezes, a percebamos em preto e branco.



## ALE NEVES

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula visual:  
Pulsar pictórico

É comum utilizar a expressão “delicadeza” quando se pensa em arte, mas não é fácil definir o que ele significa. No caso das obras de Ale Neves, há alguns fatores importantes. Um deles está na utilização de áreas em branco, o que propicia uma maior respiração para os trabalhos, mesmo quando as tonalidades utilizadas são mais quentes. Outro elemento que merece reflexão é a maneira como as linhas internas realizadas nas imagens contribuem para retirar o peso das áreas em que a cor é mais densa. Dessa maneira, é instaurado um pulsar da existência pictórica caracterizado justamente por obras contundentes em sua mensagem, mas com lirismo e delicadeza em sua realização. É desse equilíbrio que se obtém um resultado visual encantador e indagador.



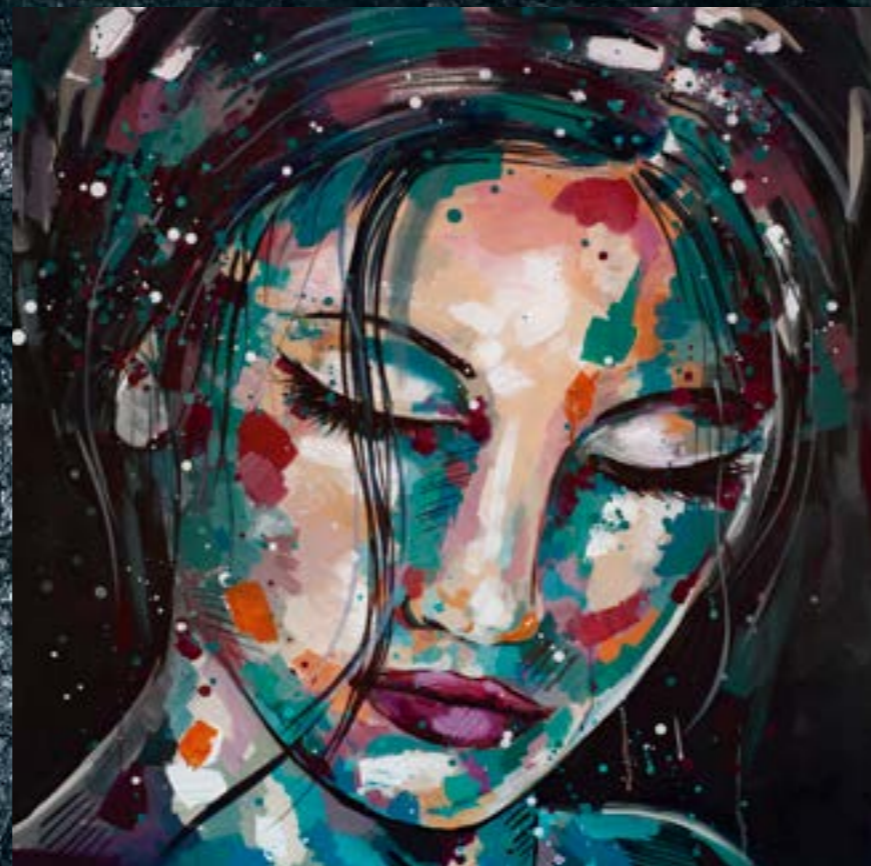
Seja Luz  
Acrílico  
80x120 cm  
2018



O pulsar da vida  
Acrílico  
80x100 cm  
2020



S. Francisco  
Acrílico  
60x100 cm  
2020



## ALESSA BAGGIO

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Estados de espírito

Alessa Baggio é artista plástica e fotógrafa formada em artes com especialização em Fotografia pela UEL-Pr. Iniciou sua carreira como designer e fotógrafa de moda em 2002 em Milão/Itália produzindo campanhas e editoriais. Em 2018 decidiu se dedicar exclusivamente à pintura trazendo forte influência da moda. Sua linguagem artística está na gestualidade, nas expressões e na força do poder feminino dos seus personagens através de pinceladas coloridas, soltas e vibrantes na técnica de pintura acrílica sobre tela.

No topo, da esquerda para direita:

**Raio**  
Acrílico  
100x100 cm  
2020

**Face 2**  
Acrílico  
90x80 cm  
2020

Abaixo, da esquerda para direita:

**Sonho**  
Acrílico  
32x26cm  
2020

**Face 4**  
Acrílico  
90x80 cm  
2020

“Faces” são aspectos de uma pessoa. Tecnicamente, pode-se pensar apenas em duas: a direita e a esquerda, mas a prática ensina que elas são muitas. A série com esse título de Alessa Baggio lida justamente com as possibilidades de interpretação dos aspectos do ser humano, mergulhando em seus aspectos emocionais. Por isso, existem desde aquelas imagens que apontam para mulheres mais extrovertidas, em tonalidades mais quentes, àquelas que temos visões mais intimistas, em tons mais rebaixados, em que as figuras surgem voltadas para si mesmas, mergulhadas em seu próprio mundo e em suas indagações existenciais. O desafio enfrentado pela artista é justamente trabalhar esses estados de espírito dentro de uma gama interpretativa que mantenha uma coerência estilística interna. Assim, Alessa Baggio consegue dar a diversidade de faces e fases de cada ser humano as características de sua poética visual na maneira como trabalha o espaço e a técnica da pintura.



## ALZIRA CHALOUB

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Potência visual

Alzira Chaloub, RJ, médica, artista plástica, usa desenho, colagem, pintura à óleo e acrílica, porcelana, e aquarela. Baseia sua criação em: cursos livres, Escola Artes Parque Lage RJ, Aquarela Dulce Nascimento, Hiperrealista E. Bork. Produz telas em acrílico figurativas da natureza. Exposições coletivas em galerias no RJ, MBLOIS, PopUp Art, Arte e Vida, AVA, 30o Salão da SBBA RJ; e Internacionais, Japão, Helsink, NY, Berlim. Revista Arte & Estilo, BRAZIL Connection in Europe Art Catalog. Traduz olhar da Natureza, fotos autorais, cores vibrantes, imagens simbólicas, deflagrando imaginação no espectador.

No topo, da esquerda para direita:

**Jardim dos Platiceium 2**  
Acrílico  
100x100 cm  
2019

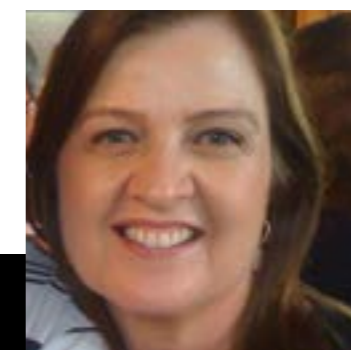
**Alpina Vermelha**  
Acrílico  
100x100 cm  
2018

Abaixo, da esquerda para direita:

**Jardim dos Platiceium 1**  
Acrílico  
100x100 cm  
2019

**Face 4**  
Acrílico  
100x100 cm  
2019

A natureza tem uma potência visual que Alzira Chaloub busca captar com seu trabalho plástico. Isso se dá de diversas maneiras, principalmente pela forma como ela utiliza seu repertório técnico para obter os efeitos desejados. A cor, por exemplo, é geralmente utilizada para intensificar emoções. Assim, a pintura instaura um mundo próprio, no qual as tonalidades e a composição têm um papel essencial. Os recortes que a artista apresenta de flores e folhagens contribuem para estabelecer uma atmosfera densa e misteriosa, que mescla a beleza do que é mostrado com uma poética dramaticidade do ambiente. A natureza reinterpretada por Alzira Chaloub traz assim múltiplas e sutis perguntas que nos levam a visualizar o que se entende como realidade de novas maneiras – e isso valoriza a arte e a vida.



## ANA VERONA

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Pensares e repensares

Ana Cristina Verona Pimentel, ou Ana Verona, como assina suas obras, mineira de Belo Horizonte - MG. Divide sua paixão pela pintura com sua profissão de Psicóloga. Sua trajetória nasce sob a influência das linhas e formas inspiradas pela Faculdade de Arquitetura. Estilo abstrato com uso de técnica mista com riqueza de detalhes, formas, simetria e predominância de cores neutras. Participou de várias exposições coletivas onde se destaca a do IPHAN em Tiradentes e a do II Festival Internacional de Cultura de Araxá.

Como se dá a criação visual? Essa pergunta não admite respostas simplistas. Traz múltiplas indagações que potencializam as amplas discussões. Um fator importante é conceber a arte como uma relação com o mundo que se dá pela maneira como a necessidade de criar se manifesta. Ana Verona, por exemplo, traz obras individuais e dípticos marcados pela experimentação com formas e tonalidades. Esse diálogo interno apresenta vestígios e rastros do próprio trabalho em si mesmo, pois existem pensares e repensares articulados pela criadora em seu processo de dar início ao trabalho, de desenvolvê-lo e de interrompê-lo. Afinal, a decisão de parar é tão importante como a de iniciar, pois no buscar e no sentir a hora de considerar o trabalho aparentemente pronto é que se valoriza a forma como ele foi concebido e realizado.

Do topo para baixo:

**Díptico Branco**  
Técnica mista  
40x40 cm  
2019

**Sem título**  
Técnica mista  
90x180 cm  
2012

**Díptico Castanho**  
Técnica mista  
40x40 cm  
2019

Andréa C. Krause é designer e artista digital, reside em São Paulo. Inspira-se em planos, sobreposições, grafismos, falsas perspectivas para criar imagens abstratas e fotografias manipuladas digitalmente para o mercado de Fine Art. Com estilo abstrato, ora geométrico, e técnica de impressão digital sobre canvas, papel, metacrilato e vidro, suas obras despertam reflexões sobre auto conhecimento, o universo e a natureza, em seu propósito de evolução através da arte. Participou de 13 exposições coletivas, com destaque para a exposição “Um Olhar através da Natureza”, na Inn Gallery, em SP.



Da esquerda para direita:

**Bellatrix**  
Arte digital sobre canvas  
70x70 cm  
2020

**Centauros**  
Arte digital sobre canvas  
70x70 cm  
2020

**Alpha**  
Arte digital sobre canvas  
70x70 cm  
2020



## ANDREA KRAUSE

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Sensibilidade e técnica

É por meio da cor que a artista visual Andrea Krause consegue transformar seus trabalhos em experiências imagéticas relevantes. Alia-se a esse fator o movimento que propicia que suas obras ofereçam uma sensação de que se está em um vórtice de emoções e encantamentos. A vida exala pelas suas obras, oferecendo uma percepção dos sentidos que passa também por experimentar temperaturas. Assim, pela sinestesia, ou seja, pela mescla dos sentidos, é possível que cada trabalho leve o observador a ter percepções distintas de relações com si mesmo e com o mundo. A mágica está em conseguir o encantamento pela fusão entre a sensibilidade e a técnica. Trata-se de um processo complexo e fascinante, mas cujo desafio leva a um aperfeiçoamento contínuo.



## ANGELA CANABRAVA

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Desafio do retrato

Angela Canabrava, atua como artista plástica, com estilo figurativo. Em 2018 resolve se aprofundar novamente na área artística, ampliando seu repertório no ateliê de Luiz Carlos Dalla Vecchia. Direciona sua criação a retratos com a técnica de óleo sobre tela. Contudo, tem obras com paisagens, flores e arte sacra. Em 2020 participou da 1ª Exposição Coletiva do Clube de Artistas, CASA EXPO - São Paulo - SP.

Pintar retratos é um mergulhar em consciências. As obras de Angela Canabrava se dão justamente nessa esfera em que o conhecido, o escondido e o desconhecido interagem. Perante o desafio de pintar uma pessoa do nosso mundo, aquele que consideramos real, diversos fatores devem ser levados em conta. Não existe entre eles uma hierarquia, mas um processo de trabalho concomitante que colabora para o resultado final. Existe a empatia e a emoção do artista perante o retratado. Há também a racionalidade necessária no estudo da técnica e o desenvolvimento das habilidades para concretizar aquilo que se pensa e se deseja transmitir. Surge ainda a criatividade, pois a seleção do cenário ou das suas tonalidades contribui decisivamente para a consecução da imagem - e é geralmente nos detalhes, como mostram as realizações de Angela Canabrava, que as obras se diferenciam.

Do topo para baixo:

**Monica**  
Óleo  
60x50 cm  
2020

**Regiana**  
Óleo  
200x80 cm  
2019



## ARICLENES SILVA

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Mais que retratos

Ariclens França da Silva nasceu no dia 1 de agosto de 1985 em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Mora atualmente em São Miguel do Gostoso, município localizado a 110 quilômetros da capital potiguar. Em março de 2016, Ari ficou entre os 500 melhores fotógrafos em um concurso mundial, o HIPA (Hamdan Bin Mohammed Bin Rashid Al Maktoum International Photography Award), neste mesmo concurso estavam inscritos mais 30 mil profissionais de 173 países e cerca de 80 mil fotografias estavam na disputa. Em 2020 participou de duas exposições na Casa Expo em São Paulo.

Ariclens Silva, em suas fotografias, apresenta imagens de um país que muito não querem ver. Alguns sequer sabem que essa realidade existe. Suas visões trazem perfis de pessoas e situações que geralmente não estão nas estatísticas oficiais. São seres humanos e momentos esquecidos, escondidos, que ele retira das gretas do Brasil com realismo e arte. O realismo está pelo caráter documental, e a arte, pela maneira como a pesquisa visual é feita. Seu trabalho é o de um criador que gosta de gente e das possibilidades que a fotografia traz de dar a cada ser humano a possibilidade de ser eterno. Com isso, temos uma cadeia do bem, um círculo virtuoso em que mais pessoas se reconhecem nas imagens, gerando novos trabalhos. Ariclens Silva dá assim luz a um mundo que infelizmente permanece para muitos nas sombras.

Do topo para baixo:

Pescador  
Fotografia  
2020

Contador de Causos  
Fotografia  
2020

Imagem de fundo:

Aparecida  
Fotografia  
2020



Do topo para baixo:

**Janelas**  
Acrílico sobre tela  
60x80 cm  
2020

**Janelas II**  
Acrílico sobre tela  
60x80 cm  
2020



## CAMILA BORANGA

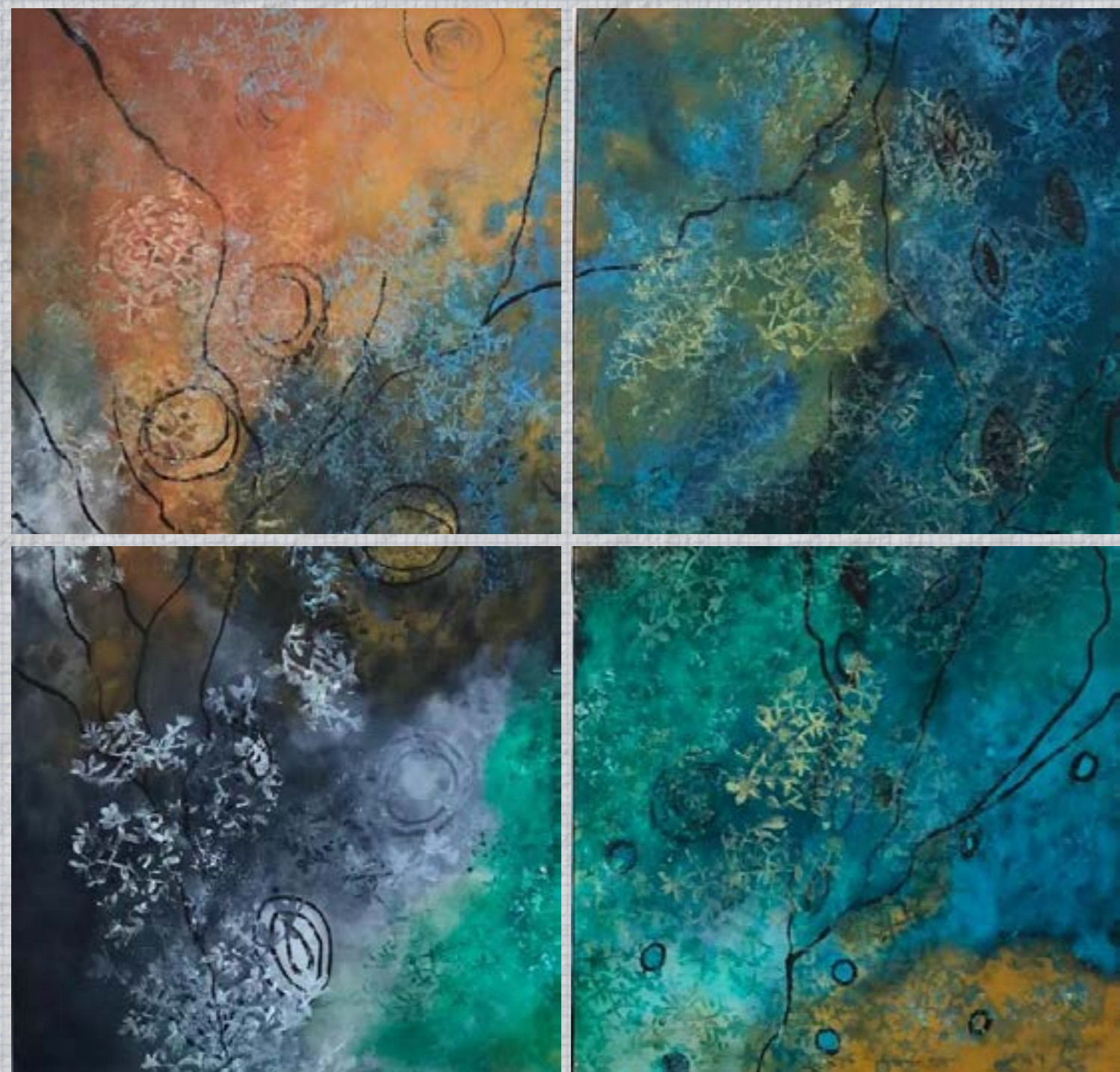
**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Cidades imaginárias

Camila Boranga é artista plástica formada pela Eca Usp em 2007 e designer de produto formada pela FAAP. Estudou desenho com Dalton de Lucca, Editoração eletrônica e diagramação na Fenac, Cenografia no Teatro Paulo Eiró e criou o Studio N'ovo, onde reuniu, durante um tempo, artistas de várias áreas para promover debates e entrosamento entre as diversas modalidades artísticas. Trabalhou com pintura decorativa e arte-educação em diversos projetos sociais tais como Escola da família, Investindo na juventude e De olho no futuro. Em 2007 formou-se em licenciatura em artes plásticas pela Usp, vindo a trabalhar no Educativo do Museu da Cidade de SP. Também fez um curso de especialização para professores no Mac de visitação à museu. Trabalhou com pintura sobrediversas superfícies no Collegio das Artes sob a orientação de Dudi Maia Rosa, com quem fez aulas de desenho no Mam, e expõe alguns de seus quadros no Studio Andrea Rossi em Galway, na Irlanda.

O diálogo entre o espaço urbano e a natureza alimenta a poética visual de Camila Boranga. Suas imagens têm como um de seus principais eixos a conversa entre edifícios e árvores, com a mediação muitas vezes de janelas, que, com ou sem aramados funcionam como um local de passagem entre aquilo que cada um vê e o que sente. A luz pode brotar das casas ou das próprias árvores num caminhar entre o real e o imaginário que enriquece o trabalho por instaurar atmosferas plenas de fantasia. Os edifícios e as árvores ganham status de pessoas a se entender visualmente com o ambiente ao seu redor. O entorno colabora para uma reflexão sobre quem habita esses espaços e o que faz com eles. Em imagens sem seres humanos, é o nosso olhar que perpassa as janelas que dá alma a cidades imaginárias.





Políptico de 4  
Técnica mista  
40x40cm  
2018



## CAROL VERONA

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Pesquisa do espaço

Carol Lígia Verona Oliveira, nome artístico Carol Verona, nascida em Belo Horizonte, Brasil, é bacharel em Enfermagem e dedicou os seus últimos 25 anos à pintura acrílica, no estilo abstrato com técnica mista sobre painel. Sua arte é contemporânea e inspirada em elementos da natureza. Participou de várias exposições no estado de Minas Gerais, destacando-se o Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em Tiradentes e o II Festival Internacional de Cultura e Gastronomia de Araxá.



Grutas 02  
Técnica mista  
80x80 cm  
2017

Entender o artista visual como aquele que pesquisa o espaço em busca de soluções para os mais variados problemas que se lhe apresentam ou que ele mesmo cria é uma rica chave para penetrar nas obras de Carol Verona. Ela se vale da cor, como ocre e azuis, e de diversas formas para dar respostas a essas e outras indagações. Perante o espaço inicial em branco, a criatividade é a resposta. Ela se manifesta de distintas maneiras, mas geralmente com a procura por uma linguagem peculiar e diferenciada pela qual cada artista consegue estabelecer a sua impressão digital, a sua visão de mundo, representando uma interpretação própria do espaço que atenda certamente a inquietações tanto pessoais quanto plásticas. É assim que a obra de arte se constrói no desenvolvimento individual de cada processo criativo.



À esquerda:

**Objeto**  
Corda náutica, cobre e alumínio  
20x13x19cm  
2019

À direita, do topo para baixo:

**Objeto**  
Cobre e alumínio  
20x13x19cm  
2019

**Objeto**  
Cobre e alumínio  
20x13x19cm  
2019



## CRISTHINA BASTOS

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Universo de tramas

Com formação em Pintura, pela EBA-UFRJ e Urbanismo pela FAU-UFRJ, Cristhina Bastos vive e trabalha em Vitória - ES, Brasil, desde 2003. Cristhina Bastos tem um olhar multidisciplinar e se utiliza de vários meios artísticos em suas pesquisas poéticas, como escultura, instalação, vídeo e a fotografia, para refletir, sobre o ser no mundo. Atualmente vem trabalhando com o fio de cobre, em tramas manuais, onde neles questiona sobre as formas o indivíduo no coletivo. Conta com 5 exposições internacionais e 18 nacionais.



Tramas e fios são o universo da criação artística de Cristhina Bastos. Sua poética consiste em lidar com cores e materiais de modo a construir metafóricas formas que evocam memórias e sentimentos. Suas invenções e reinvenções plásticas constituem um processo de pesquisa plástica em que as relações entre a criadora, o objeto construído e o entorno do local em que é exposto dialogam permanentemente. Nesse aspecto, cada obra oferece múltiplas capacidades de interpretação, sendo um lúdico e lírico desafio que apresenta criações orgânicas que guardam e multiplicam a vida, funcionando como repositórios de um contínuo sentir, de um saber intuitivo e de um conhecimento adquirido que estimulam o poder de observação e a imaginação e do observador, participe, com sua sensibilidade, de todo o processo criativo instaurado pela artista.

## CRISTINA BOTTALLO

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Poética das Origens



Cristina Bottallo é de São Paulo - SP. Artista visual cria gravuras em serigrafia, a grande parte em pequenos formatos e em séries, usando métodos diretos e indiretos de gravação de telas e impressão. Suas figuras e formas tem caráter lúdico, são ilustrações com referência na Serra da Mantiqueira, onde tem ateliê. Suas participações recentes em exposições foram no Salão de Arte de Mogi das Cruzes, SP e Coletiva de Gravura Miniprint Kazanlak, Bulgária.

O que é, afinal, uma poética visual? Em linhas gerais, podemos dizer que se trata de uma maneira de dialogar criativamente com o mundo. Cada artista desenvolve uma linguagem com a qual se sente confortável para expressar as suas inquietações perante aquilo que entende como realidade. Os trabalhos de Cristina Bottallo que focam a temática das Origens trazem discussões que permeiam muito do que ela é e, por consequência, do que todos nós somos. Seu lirismo está naquilo que nos identifica e aproxima como seres humanos. Portanto, a sua visão de mundo faz com que pensemos sobre a nossa, instaurando possibilidades de conversas entre o que achamos que somos, o que os outros acham que nós somos e aquilo que talvez possamos a vir ser. Suas produções visuais, que lidam com serigrafia, costura, colagem, madeira e pedra, entre outras possibilidades, mostra como a busca poética pelas origens é um processo delicado, complexo e infinito.



Topo:

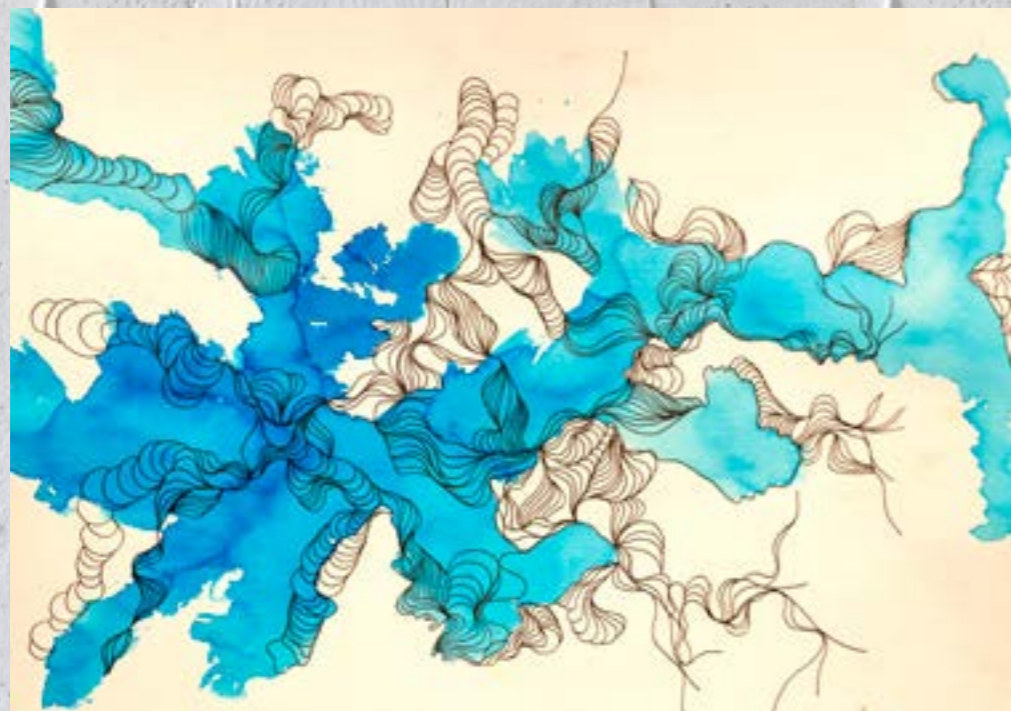
**As Estações**  
Serigrafia, madeira e costura em papel  
Aberto: 60x10cm  
2018

Abaixo, da esquerda para direita:

**Sem título**  
Serigrafia e costura em papel  
19x19cm  
2017

**Sem título**  
Serigrafia e costura em papel  
9x9cm  
2017

**Sem título**  
Serigrafia e costura em papel  
14,5x10,5cm  
2017



Do topo para baixo:

**Azul é a Cor Mais Quente**  
Aquarela e nanquim  
29,7x42cm  
2020

**Quarentena**  
Aquarela e nanquim  
29,7x42cm  
2020

**Cura**  
Aquarela e nanquim  
59,4x42cm  
2020



## DANIELE BLORIS

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Gestos que falam

Daniele Bloris é psicanalista e artista visual. Seu percurso como artista é atravessado por exposições coletivas no Brasil e no Exterior. As exposições individuais aconteceram no Rio de Janeiro, cidade onde nasceu. Seu fascínio pelos desenhos se apresentou desde cedo, ainda bem jovem já espalhava seus traços por folhas e cadernos, sempre tendo a arte abstrata como referência. Após longo período longe dos papeis e nanquins, no ano de 2010 reencontrou sua paixão, o desenho. Seu trabalho são linhas que se ondulam, num movimento orgânico sobre o papel. Transformam este espaço em campo, formam redes que se entrelaçam, desterritorializam nossa percepção. A maioria dos trabalhos não possuem título ou assinatura, para que cada espectador possa nomeá-lo e posicioná-lo de acordo com sua própria subjetividade. É preciso que o outro ressignifique a desordem com suas próprias referências. Como na interpretação de um sonho.

A obra de arte visual geralmente não tem palavras. Na sua forma mais pura, vale-se de uma gramática própria em que a cor, a forma, a tonalidade e a composição são suas expressões mais legítimas. Isso não impede, é claro, a sua interação com letras e tipologias. No caso de Daniele Bloris, porém, existe uma retomada desses elementos essenciais. Aquarela, nanquim e outros materiais podem ser utilizados justamente para criar um universo pessoal de gestos. Eles dispensam a palavra. São tão intensos e delicados no seu resultado que nos estimulam a verbalizar emoções. A intensidade se dá em uma proposição visual que gera um discurso diferenciado e elegante em sua expressão. A delicadeza está no fluir do gesto que percorre nossas almas em busca de um porto seguro que dê guarida a diversas inquietações existenciais. Assim, os gestos de Daniele Bloris falam. Cabe a nós aprimorar os sentidos para ouvir e sentir.



Do topo para baixo:

**Companhia**  
Escultura em terracota  
9x8x15 cm  
1983

**Modelo**  
Escultura em terracota  
20x9x24 cm  
1984

**Paz e Amor**  
Escultura em terracota  
35x33x11 cm  
1995



## DINORAH ROSENCRANTZ

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Criando mundos

Dinorah Rosencrantz, nascida em São Paulo em 1935, formou-se em Belas Artes em 1958 e também em Decoração de Interiores em 1960, trabalhando muitos anos neste campo. De 1979 a 1982 pertenceu ao atelier Berenice Florshein e de 1982 até os dias atuais trabalhou no atelier Ernestina Karman, onde aprimorou suas técnicas de pintura à óleo revelando-se as linhas modernas que hoje caracterizam a sua obra. Agora, Dinorah expõe uma série de óleos dominando a espátula com maestria e segurança mostrando sempre uma palheta rica de cores de muito bom gosto. Participou de diversas exposições coletivas e salões oficiais tanto no Brasil como na Europa.

A escultura tem mistérios muito específicos pelo fascínio que a tridimensionalidade comporta. Ao criar uma peça, o artista está a criar um outro mundo. Existe no ato de modelar um trabalho, seja qual for a técnica, um aspecto demiúrgico. Instaurar essa nova realidade tem algo de divino. Quando se estabelece trabalhar com formas que aludem ao humano, a responsabilidade, de certa maneira, aumenta. O raciocínio de quem vê logo busca na mente a referência que conhece – e isso faz muitas vezes com que tenha dificuldade de lidar com aquilo que lhe é apresentado de maneira diferente ou mesmo inusitada. Dinorah Rosencrantz mergulha nessas questões com total convicção. Seus seres surgem a nos dizer que outros mundos são possíveis, desde que saibamos imaginá-los e realizá-los.



## ELIANA PIERRI

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Conexões visuais

Eliana Pierri nasceu em São Paulo, cidade em que vive e produz suas obras. Ainda na adolescência, a artista concluiu o curso livre de desenho e pintura da FAAP, coordenado por Luigi Zanotto e ministrado por Anna Luiza Bellucci. Anos mais tarde, fez cursos de ateliê, história da arte e pós graduação no Museu de Arte Sacra de São Paulo. Em suas composições formas e cores protagonizam o tema. Assim como na natureza, sua obra é permeada por simetria, cor, organicidade, gestualidade e ritmos.

Quando se pensa em um trabalho geométrico, geralmente existe um consenso de que ele seja mais rígido e frio do que o figurativo. Muitas vezes isso pode acontecer, mas as obras de Eliana Pierri trazem elementos importantes para essa discussão, pois o uso de tonalidades mais quentes resulta na criação de dinâmicas internas que valorizam seus trabalhos como uma maneira de dialogar com o espaço por meio de figuras para as quais muitas vezes não prestamos atenção no cotidiano. Existem até aqueles que veem em círculos, retângulos e triângulos geometrias sagradas. Por que não? Mas, mesmo no âmbito profano, a maneira como Eliana Pierri lida com seus elementos estruturantes revela que a magia da arte está em estabelecer conexões visuais inicialmente insuspeitadas que podem tornar o ordinário em algo extraordinário.

No topo, da esquerda para direita:

**Sem título**  
Acrílico  
30x30 cm  
2019

**Sem título**  
Acrílico  
40x40 cm  
2020

Abaixo:

**Sem título**  
Acrílico  
50x60 cm  
2019

Artista Plástica com formação superior em Desenho e Artes Plásticas e especialização em Educação Artística vive e trabalha em Bento Gonçalves onde busca sua inspiração. Buscou aperfeiçoamento em cursos de desenho, pintura a óleo e acrílica junto a artistas renomados. Participou de diversas exposições individuais e coletivas obtendo prêmios nacionais e internacionais. Seus trabalhos são elogiados pela sua técnica e temas, abordando o cotidiano e paisagens. Resultam imagens impressas na memória, revividas e recriadas pela artista através de nuances de tinta sobre a tela, adicionando espontaneamente a graduação cromática às soluções que o desenho esboça. Atualmente divide seu trabalho entre a paisagem e a figura humana, nascida de experiências vivenciadas, revestida de emoção e sentimento. Participar de exposições é uma forma de mostrar o trabalho e de interagir com as pessoas que ao admirá-lo transportam a imagens do seu subconsciente.

Da esquerda para direita:

**De Braços Bem Abertos**  
Mista  
30x20 cm  
2019

**O Tempo não Para**  
Mista  
30x20 cm  
2019

**Espera**  
Mista  
30x20 cm  
2019



## ELIANE MAGNANI

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Visões de almas

Eliane Magnani mergulha nas almas das imagens que gera. Esse movimento se dá de duas maneiras complementares, embora aparentemente antagônicas. Suas imagens apresentam uma certa leveza na forma que ocupam o papel, pela dinâmica muitas vezes do gesto, das cores e das tonalidades e pelo uso das áreas deixadas em branco, e, ao mesmo tempo, trazem uma densidade existencial sobre os passos de cada um de seus personagens na caminhada pela existência. Trata-se de uma ambivalência sedutora, entre um movimento de expressão de sentimentos e, paradoxalmente, de interiorização de impressões do mundo. É desse diálogo que a artista se alimenta para gerar interrogações fascinantes que cativam os olhos e a mente do observador, convidado a participar de um jogo sem respostas fáceis, mas pleno de mistério.



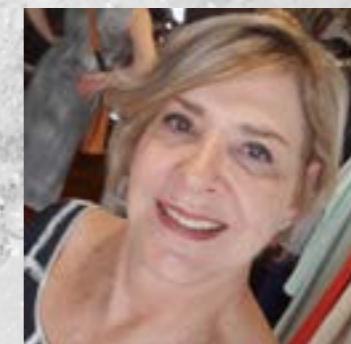
Emilia Gola é paulistana, graduada em Desenho Industrial pela FAAP, Arquitetura e Urbanismo pela Farias Brito e Mestre pela FAUUSP. Tem feito cursos de arte, dentre eles a aquarela. Com essa incrível água colorida, navega pelo abstrato e figurativo. Busca inspiração gestual na natureza, depois em fotos, pelo movimento. Em seguida, insere recortes de revistas que desconstruídos compõem novos conceitos junto as cores, texturas e formas. Recentemente deixou as referências e compõe com a fluidez das pinceladas e colagens, na qual vislumbra caminhos guiados pela imaginação e sentimentos.

Da esquerda para direita:

**A Tromba**  
Aquarela e colagem  
30x40 cm  
2020

**Abismo**  
Aquarela e colagem  
27x40 cm  
2020

**Torvelinho**  
Aquarela e colagem  
30x40 cm  
2020



## EMILIA GOLA

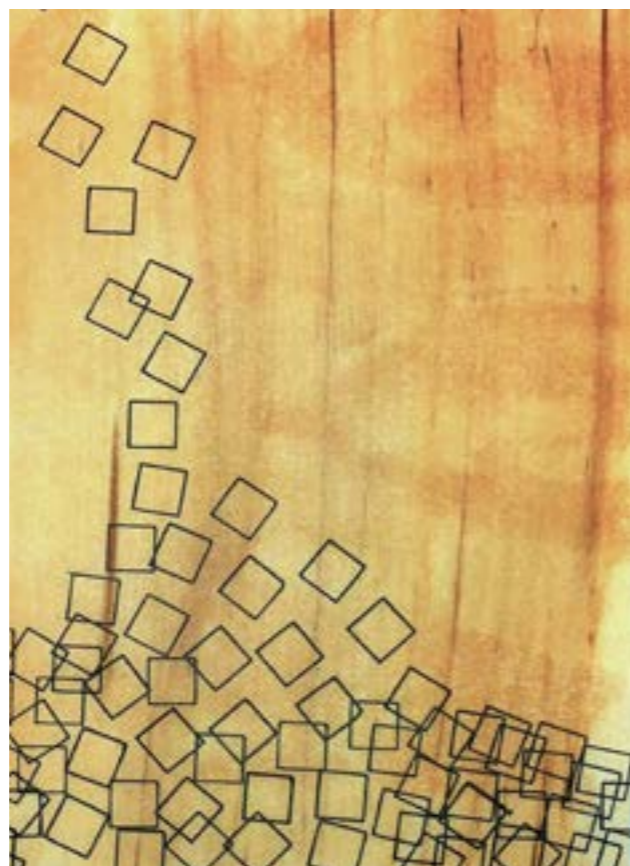
**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Encanto da arte

Por que a arte encanta? Por que ela existe desde os primórdios e se renova cada instante? Por que ela constantemente nos desafia a aprender e nos tira da chamada zona de conforto? Os trabalhos de Emilia Gola, realizados com aquarela e colagem, oferecem algumas pistas para essas indagações que, é claro, não têm respostas simples. Um ponto importante está na maneira como a natureza é recriada. Formas e elementos orgânicos surgem e são desconstruídos, permanecendo como rumores de saberes escondidos no meio ambiente. Outra questão essencial está nas pistas que suas obras lançam no sentido de apontar que a criação visual é um portal que dá acesso a outro mundo. A pergunta que surge em consequência é se essa passagem de nossa realidade se dá para uma outra, a ilusória; ou se é a nossa realidade que é a ilusória, sendo a das essências uma outra, à qual a arte propicia acesso. É por trazer essas certezas de incertezas que a arte de Emilia Gola merece observação atenta.







No topo, da esquerda para direita:

**Pontos e Formas Geométricas 1**  
Mista sobre papel manteiga  
50x40 cm  
2020

**Pontos e Formas Geométricas 2**  
Mista sobre papel manteiga  
50x40 cm  
2020

Abaixo, da esquerda para direita:

**Pontos e Formas Geométricas 3**  
Mista sobre papel manteiga  
50x40 cm  
2020

**Formas em Movimento parte 5**  
Mista sobre papel manteiga  
50x40 cm  
2020



## ERICA BRUNO

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Identidade visual

Formada em Design de Moda pela Universidade Bandeirantes de São Paulo - 2012; especialização em Estamparia - O Desenho de Estamparia Têxtil, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo - 2012; Corel Draw para Estamparia Têxtil, SENAI; Estamparia: Processos Criativos, Escola São Paulo, com a renomada Designer Alexandra Ward do Estúdio Capim. Palestrante na Universidade Anhanguera de São Paulo/Unidade São Bernardo do Campo - sobre 'Design de Superfícies'; e participante convidada da Banca de avaliação do Projeto Interdisciplinar Aplicado à Tecnologia em Design de Moda IV - UNIBAN - Universidade Anhanguera de São Paulo/Unidade São Bernardo do Campo. É também pós-graduanda em Arte Visuais pela Faculdade Dom Alberto em Santa Cruz do Sul. Participou em 2020 das exposições: CONVIDA - Expo Art na Galeria Virtual Arte em Goiás e na 1ª Exposição Coletiva do Clube de Artistas na Casa Expo em São Paulo.

A natureza surge como uma potência no trabalho de Erica Bruno. Ela trabalha com as formas orgânicas de diversas maneiras de modo a criar composições em que somos convidados a mergulhar. A questão das texturas é central em um projeto fundamentado numa pesquisa visual que lida com o nanquim, o barbante, a tinta, o papel e outros materiais em busca de experimentações que despertam no observador um fascínio oriundo dos procedimentos e das composições atingidas. Existe um processo de criação que revela um profundo respeito pelos materiais e uma concentração naquilo que mostra. Decorre daí uma intensidade visual plena que dialoga com a natureza e com o processo criativo. Trata-se da criação de um enigma de deslumbramento que se adensa na intensidade como cada obra é observada com mais cuidado e em seus detalhes.



## FE MOTTA

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Universo urbano

Fe Motta é natural de São Paulo onde vive e trabalha até hoje. Artista plástica e empresária, administra a *School of Jazz Guitarra* onde também se encontra seu ateliê de pintura. Acompanha a banda de Jazz fazendo performances artísticas durante os shows, fazendo quadros figurativos dos grandes Jazzistas da história. Paralelo ao seu trabalho de pintura ao vivo, ela também desenvolve sua série de *cityscapes*, paisagens urbanas noturnas, com cidades e luzes do mundo. Ela quer fazer um viagem mundial com seus espectadores, mostrando a sua versão das principais cidades do mundo. Sua grande inspiração é a luz. Fe é uma artista que pinta a luz, a luz do palco, a luz da noite e as luzes das cidades. A dicotomia entre claro e escuro e o seu tema.

O universo urbano apresenta uma riqueza visual que é o foco das atenções de Fe Motta. Ela trabalha imagens tomando alguns ângulos diferenciados, destacando, por exemplo, pisos molhados ou a onipresença de outdoors. Isso é feito com o uso de cores que logo cativam a nossa atenção pela sua intensidade. A artista parte de cidades reais e conhecidas para fazer uma interpretação visual que as coloca em outra dimensão. Elas se tornam fantásticas e nos remetem a cenários cinematográficos nos quais desejamos estar para viver uma história. Trata-se de uma maneira pessoal de lidar com a tela enquanto espaço de experimentação plástica e de desenvolvimento de uma linguagem própria e rica de possibilidades de desenvolvimento rumo a nos fazer visualizar e pensar com novos olhos e olhares o peculiar mundo citadino.



Da esquerda para direita:

**Antena Paulista**  
Acrílico  
110x80 cm  
2020

**NY**  
Acrílico  
100x70 cm  
2020

Gêiza Barreto é artista plástica de Salvador - BA. Estudou desenho e pintura entre 2003 e 2006 no Ateliê Canella's, em Niterói. Em 2016, após uma longa carreira em Tecnologia, decidiu se dedicar à arte e estudou técnica mista com professores de diversos países, especializando-se em retratos contemporâneos e abstratos expressionistas. Em 2019 participou de exposições coletivas na Europa e tem uma das suas obras integrando a coleção permanente do Museu do Forte de São Francisco, em Portugal.

Da esquerda para direita:

**Aurora Canhota**  
Mista sobre papel  
32x24 cm  
2020

**Cresça Livre**  
Mista sobre papel  
42x29,7 cm  
2016

**Equilíbrio**  
Mista sobre tela  
20x20 cm  
2020



## GÊIZA BARRETO

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Conectando pessoas

A arte tem um imenso poder de transformação. As obras de Gêiza Barreto apontam justamente como esse tipo de mudança interior é possível. Um primeiro passo está no desenvolvimento de um trabalho regido pela intuição e pela emoção. A elaboração de uma obra surgiria exatamente desse diálogo entre aquilo que se deseja dizer e o que se atinge de fato, pois o processo criativo passa por essa jornada interna para materializar algum tipo de expressão. Nas artes visuais, existe um diálogo complexo entre as referências de cada um, a técnica que se desenvolve para atingir o que se almeja e o objetivo que se busca. Feita a obra, existe ainda um outro processo, o da cumplicidade conseguida com o observador, sujeita a infinitas e insondáveis variáveis. Portanto, os trabalhos de Gêiza Barreto se dão justamente nesse espírito de conectar, ligar e religar pessoas, algo que o poder transformador da arte estimula.





## GINA CASTELO BRANCO

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Explosões de saberes

Natural de Teresina e autodidata, Gina começou a expor em 2016, com sua mostra individual Estradas da Vida. Participou do Art Symposium em Praga - República Tcheca e expôs três vezes no Carrousel du Louvre - Paris (2016, 2017 e 2018), além de países como Portugal, Romênia, Noruega, Bulgária e República Dominicana e EUA. Participou de mais de 30 exposições em Teresina e em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Possui obras publicadas em livros e revistas como Arte & Estilo, Cidade Verde, Circuito Arte Europeu, Revista Luxus, Latin American Artists, Art Brasileira e Guide Carrousel du Louvre.

Quando se pensa em células, se buscamos uma definição formal, encontraremos algo na linha que as define como as menores unidades estruturais e funcionais dos seres vivos, constituídas fundamentalmente de material genético, citoplasma e membrana plasmática. No entanto, quando esse assunto surge nas obras de Gina Castelo Branco, somos levados a uma outra dimensão. Geralmente regidas por tonalidades de azul, seus trabalhos relacionam essas partículas minúsculas, impossíveis de enxergar a olho nu, como seres vivos plenos de intensidade que são fundamentos da vida. Tornam-se autênticas explosões de saberes e possibilidades. Os trabalhos apresentam uma intensa dinâmica, em vórtices que carinhosamente nos absorvem e levam para portais internos e externos com a força que a arte propicia em suas manifestações mais autênticas. Assim, a criação visual se torna uma manifestação criativa do ato de estar e participar ativamente do mundo.

No topo:

**Danúbio I**  
Oleo  
50x50 cm  
2018

Abaixo:

**Hope**  
Oleo  
200x150 cm  
2020

**Células**  
Acrílico  
100x70 cm  
2018





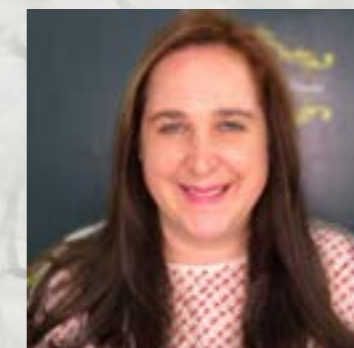
No topo,

**Livro da Vida**  
Xilogravura  
21x21 cm  
2014

Abaixo, da esquerda para direita:

**Narciso**  
Xilogravura  
21x21 cm  
2014

**Mangue I**  
Linoleogravura  
15x20 cm  
2017



## INDIARA NICOLETTI

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Inteligência visual

Indiará Nicoletti é Bacharel em Artes Plásticas pela UDESC. Trabalha com gravuras no campo expandido, desenho, vídeo-arte e literatura. Participou de diversas exposições, entre elas; “Emparedados”/2005 – Museu Histórico de Sta. Catarina, “Poéticas do desenho”/2013 – BADESC, “Membrana”/2014 – Inst. Meyer Filho, “Corpos que percorrem um espaço expositivo”/2017 – FUNARTE/SP, “Tipografia: Substantivo Feminino”, curadoria de Juliana Crispe/Choque Cultural - SP/2019 e Design Center – Curitiba/2020, como parte da programação da Bienal de Curitiba. Em 2019 publicou através da Editora Córrego, o livro de poesias e gravuras “Canção do mar além”. Como escritora participou de diversas antologias e revistas literárias.

O universo da gravura tem as suas especificidades. Apresenta características próprias no que diz respeito a todo um raciocínio de criação que se cristaliza na impressão. Há aqueles gravadores que se dedicam mais a um assunto, outros que focam muito mais a questão técnica, já que o ato de gravar pode se dar de diferentes formas, e há ainda os que mesclam esses componentes para atingir um resultado próprio com uma poética visual que amadurece em cada novo processo, desde a seleção da imagem ao mergulho na técnica. Cabe ao apaixonado por gravura, como Indiará Nicoletti, buscar um trabalho cada vez mais conectado com as próprias raízes e necessidades artísticas e poéticas, pois cada imagem representa uma inteligência visual do mundo, ou seja, uma forma de entender a realidade externa e interna e de se relacionar com ambas.



No topo, da esquerda para direita:

**Solitude**  
Mosaico com pintura em vidro  
100x70 cm  
2020

**Saudade**  
Mosaico com pintura em vidro  
100x70 cm  
2020

Abaixo:

**Equilíbrio**  
Mosaico com pintura em vidro  
100x70 cm  
2020



## JU BARROS

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Equilíbrio visual

Ju Barros, residente em Guaratinguetá - SP, expressa-se por mosaicos com pintura em vidro no estilo figurativo. Cria sobreposições que simulam perspectivas através de figuras estilizadas por formas orgânicas e geométricas onde contornos se unem em linhas contínuas. Reproduz cores que expressam sua conexão com a Natureza pela pintura em vidro transparente. Traça uma narrativa que protagoniza o feminino em meio a fusão de elementos naturais buscando instigar percepções positivas nos observadores.

Uma das características do trabalho de Ju Barros é o equilíbrio. Isso independe do tema específico a ser tratado, seja a natureza ou os relacionamentos humanos. Ao usar a técnica do mosaico com pintura em vidro, consegue lidar com as áreas visuais de maneira a obter variadas composições, geralmente caracterizadas pelo estabelecimento de um discurso visual que transmite ao observador uma atmosfera de interiorização. É como se fosse possível, e mentalmente realmente é, penetrar naquilo que é apresentado. Dessa maneira, passamos a participar do mundo que a artista cria, integrando-nos àquilo que ela nos apresenta como interpretação da realidade. Seu interior se torna externo pelo trabalho e leva nossa interioridade a mergulhar na obra, criando um diálogo plácido, que faz a arte fluir pelos nossos poros.

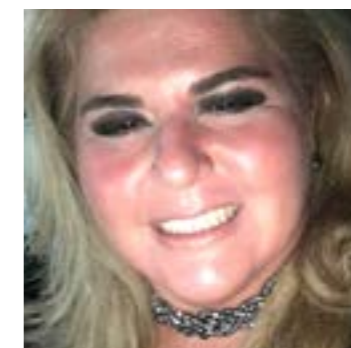


Do topo para baixo:

**As Águas do Jardim de Monet**  
Acrílico  
14,8x21 cm  
2020

**Os Mistérios das Águas do Mar**  
Acrílico  
21x29,7 cm  
2020

**Uma Cidade que Transborda as Cores do Mar**  
Acrílico  
29,7x42 cm  
2020



## LICIA VALLIM

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Interpretação do mundo

Licia Vallim, nasceu em São João da Boa Vista SP. Participou de Expo Nacionais, internacionais e tem Obras no Brasil, França e USA. Artista Plástica e seu Estilo é Impressionista/Contemporâneo. Desenvolve estudos na Arte contemporânea, buscando desconstruir conceitos e ressignificar olhares. Desde 1985, em Ribeirão Preto, participou de workshops em Pintura Tela, Desenhos, Mistura Cores, Xilogravura, Aquarela, Escultura, Designer Gráfico, Caricaturas, Gravuras, História da Arte e Cerâmicas.

As obras de Licia Vallim trazem uma indagação permanente. Nunca devemos acreditar naquilo que ela nos apresenta como se fosse uma representação da realidade. O que ela faz está além disso. Existe nela a capacidade permanente de interpretar o mundo. E o que isso significa? Acima de tudo, o desenvolvimento, artístico e progressivo, ao longo da carreira, de um sentir o que está ao seu redor e no seu interior. Essa dinâmica se cristaliza em trabalhos que podem ter os mais diversos motes e assuntos, mas mantém a coerência de se manter indagadores. Dessa maneira, as cores, tonalidades, as formas e a composição estabelecem um conjunto visual que questiona o observador e o obriga a repensar os seus próprios conceitos vivenciais e plásticos. Assim, a arte realiza a sua principal função de gerar inquietações.

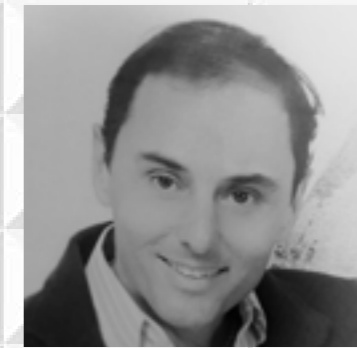


Do topo para baixo:

**Floresta Vermelha**  
Acrílico  
90x60 cm  
2019

**Arcos**  
Acrílico  
60x80 cm  
2018

**Grey**  
Acrílico  
70x100 cm  
2020



## MARCELO LOPES

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Lírica intensidade

Marcelo Lopes, São José do Rio Preto - SP é artista plástico profissional há mais de 20 anos e fundador de uma galeria de artes. Formado em Pedagogia com defesa pública: História do Desenho. Participou do Festival Internacional de Teatro (FIT) de Rio Preto com a pintura de um outdoor ao vivo. Iniciou seus estudos e frequentou a Associação Paulista de Belas Artes em São Paulo. Sua técnica de pintura asbtrata, bem como suas aquarelas figurativas. O artista mantém uma exposição "As Cores do Brasil" em West Jefferson, Carolina do Norte (EUA). E ainda, tem trabalhos vendidos na Europa, principalmente Portugal, Espanha, França e Itália. Está catalogado no índice de Artes Plásticas Júlio Lousada, e foi indicado a inúmeros prêmios, participou de salões de arte com premiações em todo o Brasil, entre eles menção honrosa no XXV Salão Cidade Maravilhosa e IV Salão Primavera, ambos no Rio de Janeiro.

A arte consegue expressar relações entre os indivíduos e destes com o mundo das mais diversas maneiras. Talvez, porém, a sua faceta mais rica, e a mais difícil de pesquisar e de decifrar, se esse for o nosso objetivo, é como ela permite que o criador estabeleça contato com ele mesmo. As motivações para realizar uma obra podem então ser pensadas em duas dimensões: o diálogo de quem cria com o entorno, plena de inquietações, e a conversa, muitas vezes marcada por contradições, entre o que cada artista deseja fazer e o que de fato ele consegue. A obra de Marcelo Lopes se dá, em boa parte, justamente nessas fronteiras. A sua expressão visual é a de um ser que capta impressões de si e do mundo e as metamorfoseia de modo que renasçam aos olhos do observador com lírica intensidade.





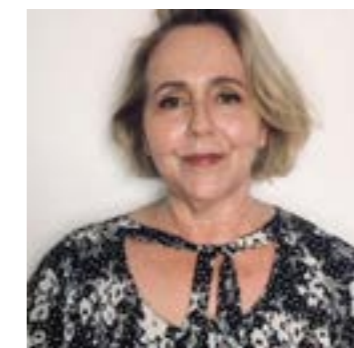
No topo:

**Trancendência I**  
Óleo  
110x80 cm  
2020

**Trancendência II**  
Óleo  
110x80 cm  
2020

Abaixo:

**Carnaval em Veneza**  
Óleo  
120x90 cm  
2020



## MARIA HELENA BREDA

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Diálogos entre mundos

Maria Helena Breda é artista visual, natural de Rio Verde - GO. Usa tinta a óleo, acrílica, colagem e tudo que a inspiração surgerir. Tem em seu currículo algumas mostras de arte, duas exposições individuais e várias exposições coletivas. Sua temática gira em torno de figuras e espiritualidade.

Maria Helena Breda apresenta, em sua produção, obras que representam máscaras. Trata-se de um elemento simbólico que está na rica fronteira entre o esconder e o revelar. A pessoa que coloca uma delas, principalmente dentro da tradição africana, se esconde para assumir um outro perfil, geralmente associado a forças da natureza. Esse diálogo entre o que sou e deixo de ser para assumir um outro papel se faz presente ainda na metáfora do vinho, que também surge nas criações da artista. Afinal, a palavra “entusiasmado” tem a sua origem no grego, significando “estar possuído por um deus”, ou seja, a bebida, assim como a máscara, leva a uma outra dimensão. O mesmo acontece com a arte, que possibilita tanto conexões horizontais, entre as pessoas, como verticais, com o divino, dentro da crença de cada um.



No topo, da esquerda para direita:

Série Diálogos Visuais  
Óleo espatulado  
80x80 cm  
2020

Série Diálogos Visuais  
Óleo espatulado  
80x80 cm  
2020

Abaixo:

Série Diálogos Visuais  
Óleo espatulado  
40x100 cm  
2020

Série Diálogos Visuais  
Óleo espatulado  
40x100 cm  
2020



## MARILENE ZANCCHETT

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Contundência sutil

Marilene Zancchett, natural de Curitiba - SC, é artista plástica que usa a técnica óleo espatulado, estilo figurativo. Na série intitulada Diálogos visuais, deixa grande espaço vazio para dar margem a imaginação de quem observa, e espera que isso não incomode o espectador pelo contrário, convida-o a se posicionar no espaço e contexto, deixando que cada um crie dentro de sua imaginação o restante do cenário. Sua inspiração vem das ruas, o ir e vir das pessoas, o que lhe traz indagações de onde vem para onde vão, suas histórias expectativas, e transfere esses diálogos para a tela.... São camadas generosas espatuladas na tinta óleo, as quais adapta, conquistadas por meio de espátulas limadas, muito finas e flexíveis. É formada em artes plásticas, EMBA (Escola de Música e belas Artes do Paraná) com vários prêmios em salões oficiais de arte, com obras em acervos particulares de diversos países.

A relação das pessoas com o espaço é uma grande motivação para Marilene Zancchett. Ela vem desenvolvendo uma poética caracterizada justamente pela maneira como personagens são colocados sobre fundos em uma sensação de isolamento mesmo em grupos. É extremamente relevante ver como ela se apropria do universo da tela. O seu trabalho e a sua pesquisa visual se dão em uma esfera em que a técnica acurada é colocada em sintonia com a ideia de entender as relações entre as pessoas como um campo de indagações e mistério. Suas pinturas apontam como é possível estar sozinho em meio a multidões. O psicológico, dessa maneira, se sobrepõe ao físico, apontando que a maior solidão está no afastamento da essência de si mesmo. Esse alerta é tratado por Marilene Zancchett com contundência sutil.



Do topo para baixo:

**Vivendo com o Corona-20**  
Óleo sobre linho  
66x81 cm  
2020

**Trancendência II**  
Óleo  
110x80 cm  
2020



## MONICA MENDES

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Diversos beijos

Mônica, de Belo Horizonte, Brasil, onde se graduou em Relações Públicas. A artista plástica trabalhou nesta área como Relações Públicas, por dois anos antes de se mudar para o Peru e mais tarde para os Estados Unidos. Em Miami, Mônica exerceu a profissão de Personal Trainer por 15 anos. As experiências em outras áreas a ajudaram a formar a maneira como ela enxerga seu redor, e a ela mesma. Tudo isso veio a ser fonte de sua expressão como artista. A paixão de Monica pela arte começou quando ela, ainda criança, mas apesar das raízes artísticas na sua infância, Mônica iniciou sua trajetória artística somente em 2009, quando abriu seu próprio estúdio. Seu compromisso levou-a a obter seu Master Degree of Fine Arts em Painting em 2016, pela Academy of Art University em São Francisco. Monica Mendes, artista premiada, participa regularmente de várias exposições, feiras e salões de arte pelo mundo.

Beijos são sopro de vida. Na imagem em que temos a marca de batom na máscara de uma caveira, surgem diversas conotações das facetas simbólicas que cercam a existência. Ao lidar com retratos, Monica Mendes trabalha, de fato, com a cristalização de almas. Portanto, a pandemia naturalmente levou a um mergulho nas fronteiras entre vida e morte que foram aproximadas e aceleradas com a COVID-19. Mas seu trabalho, acima de tudo, é um diálogo com o próprio ato da pintura e da criação. Se existem tempos de nascer, viver e morrer, o coronavírus tornou essas facetas infinitamente mais integradas. A morte causada por um perigoso ser invisível à espreita em cada esquina faz pensar. Portanto, beijar a caveira passa a ser um ato de entrar em contato mais carinhosamente com aquilo que já estava dentro de nós e custávamos a admitir. Esse medo e essa consciência da própria finitude e da alheia são legados que 2020 nos trouxe e deixa gravados no corpo e na alma.

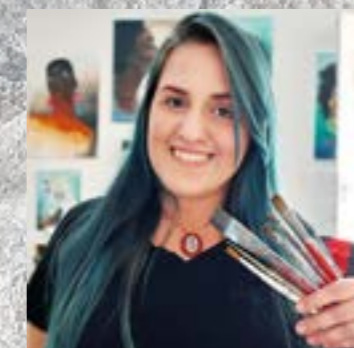
Patricia Skura, Cotriguaçu - MT, 1987. Artista Plástica contemporânea figurativa, que se apresenta como amante das cores, e através delas traz ao mundo as suas ideias criativas. Em seu trabalho visa enaltecer e valorizar a figura humana, sua diversidade, questões raciais e o universo feminino. Suas obras frequentemente estão também entrelaçadas em elementos da natureza, buscando unir essências da natureza com o comportamento humano. Desenvolve principalmente trabalhos com acrílica e óleo sobre tela. A artista já teve o seu trabalho premiado e costuma participar de diversas exposições dentro e fora do país.

Da esquerda para direita:

**Rainha Negra**  
Mista sobre papel  
24x32 cm  
2020

**A Representante**  
Mista sobre tela  
50x70 cm  
2020

**Faces da Diversidade**  
Mista sobre tela  
50x70 cm  
2020



## PATRICIA SKURA

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Expressão visual

Há imagens que tem muita força pela natureza de seus elementos constitutivos. É o caso dos trabalhos de Patricia Skura. Existe em cada obra a presença de alguns símbolos, como as borboletas, que apontam para o renascimento, uma coroa, a maquiagem dos olhos ou adereços como brincos, que conferem a cada retratada uma imagem nobre e mítica. Cada ser humano ganha uma dimensão épica, sendo valorizado em sua beleza física e no esplendor de sua alma. Essa mágica que a artista consegue reside tanto em seu senso de observação como nos recursos técnicos e na sensibilidade para não realizar apenas um retrato, mas para captar a expressão visual de um ser. Assim, cada realização de Patricia Skura nos completa enquanto seres humanos observadores de trabalhos artísticos.



Floriana Plini nasceu em Roma (Itália), de onde veio ainda muito criança para São Paulo, onde reside até hoje. Mesmo demonstrando talento para desenhar desde muito pequena, veio a se interessar por desenvolver-se nas Artes Plásticas apenas há pouco mais de dez anos, quando frequentou o curso de Artes Plásticas na Escola Panamericana de Arte e Design. Paralelamente, a artista estava, e continua até hoje, numa busca permanente pelo autoconhecimento através de curso e sessões de Psicanálise Junguiana. Há aproximadamente três anos resolveu dedicar-se mais fortemente à escultura, participando de aulas ministradas pela escultora Sra. Helena Coluccini. Assim, a artista descobre-se um pouquinho mais a cada dia, aliando, nesta busca, o autoconhecimento proporcionado pela psicanálise, e a arte, que considera uma das mais belas formas de expressão visto que deixa fluir o que está em seu interior de forma pura e genuína. Por isso os temas “Autoconhecimento” e “Crescimento Interior” sempre permearam e permeiam os seus trabalhos, estando sempre muito presentes em suas obras. A artista participou de diversas exposições coletivas de arte, inclusive virtuais, em São Paulo, com destaque às promovidas pelo Fórum Regional Jabaquara - Saúde. Foi também selecionada para participar de uma exposição em Greccio, na Itália.



## PLINI F

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Riqueza das incertezas

O movimento é uma característica muito importante quando se pensa no desafio da escultura. Floriana Plini se vale desse recurso em suas criações, principalmente quando existem personagens que dialogam entre si. Existe uma potência visual na maneira que utiliza os materiais para gerar efeitos em que há figuras humanas que, ao mesmo tempo, se aproximam e se afastam. É dessa tensão que se alimenta parte do seu trabalho, mostrando justamente o andamento de uma mecânica visual que lida com a ambiguidade entre a dependência e a liberdade. Essa complexidade abre um portal de interpretações a nos desafiar, pois a arte se dá justamente no momento em que são colocados questionamentos a serem desvendados por cada observador, num jogo que está além do chamado bonito ou feio, pois penetra no reino das essências, pleno da riqueza das incertezas.



Da esquerda para direita:

**Pas de Deux**  
Escultura em argila e bronze  
22x36x39 cm  
2019

**Plenitude**  
Escultura em argila e mármore  
22x11x30 cm  
2020

**Portal**  
Escultura em argila e resina  
55x33x53 cm  
2020



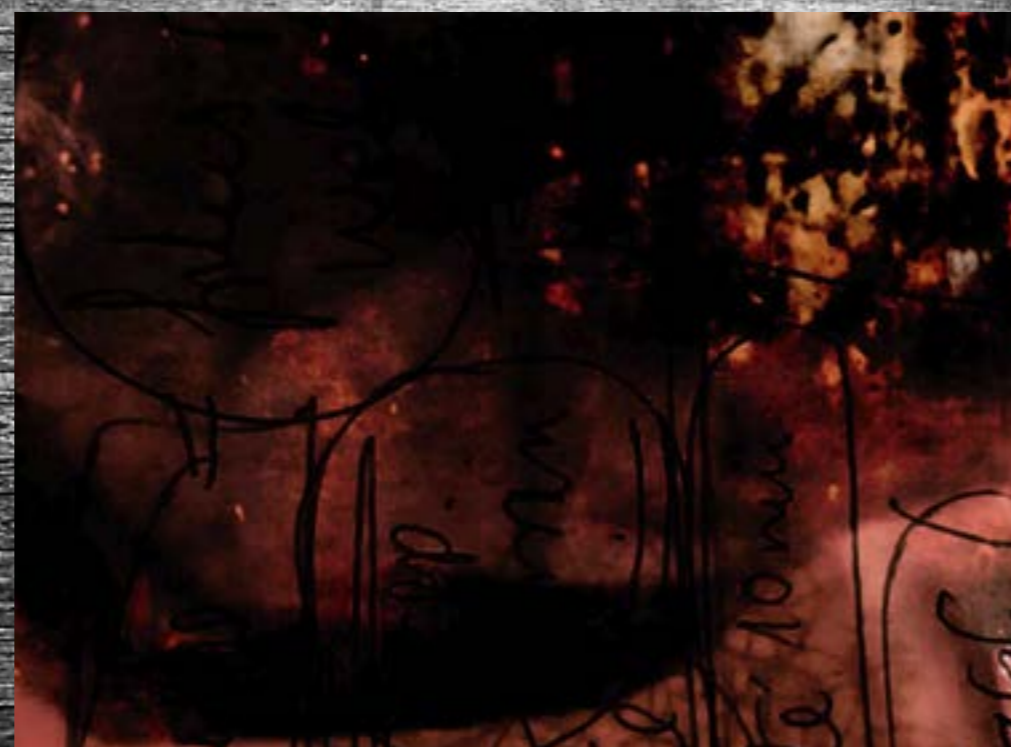
## REJANE ARRUDA

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Inquietação visual

Rejane Arruda, natural de Florianópolis, diretora e atriz de Teatro e Cinema, experimentando Videoarte e Fotografia Contemporânea, especialmente com Fotomontagem Digital. As obras interrogam as relações entre sujeito e identidade, da deformação, sobreposição e fragmentação.

Quando se pensa em arte contemporânea, nomeando assim as diversas vertentes que convivem entre nós simultaneamente, o diálogo entre linguagens é uma característica marcante. Isso pode ocorrer tanto em termos de técnicas como de manifestações aparentemente distintas que acabam por se encontrar pela maneira de se questionar e se posicionar perante o mundo. Atriz, diretora, dramaturga e pesquisadora, Rejane Arruda trabalha com vídeo-arte, fotografia e literatura, lançando assim seu olhar crítico sobre diversas facetas da chamada realidade. Discute, em várias mídias, questões que envolvem, a mulher, a sexualidade e a existência humana. Existe em sua produção uma inquietação que assume diversas formas e lida com distintos conteúdos, mas que tem em comum o atuar sobre olhares, sentires e saberes de uma maneira criativa e indagadora.



Do topo para baixo:

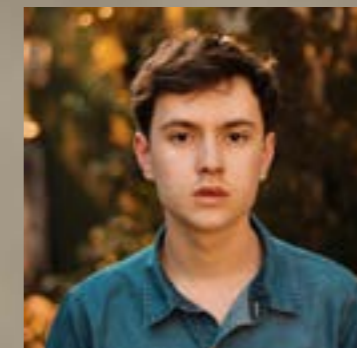
**O Olho no Ralo no. 1**  
Foto em arte digital  
50x25 cm  
2020

**O Olho no Ralo no. 2**  
Foto em arte digital  
50x25 cm  
2020

Abaixo, da esquerda para direita:

**Reposta a Bataille no. 2**  
Foto em arte digital  
70x40 cm  
2020

**Reposta a Bataille no. 3**  
Foto em arte digital  
70x40 cm  
2020

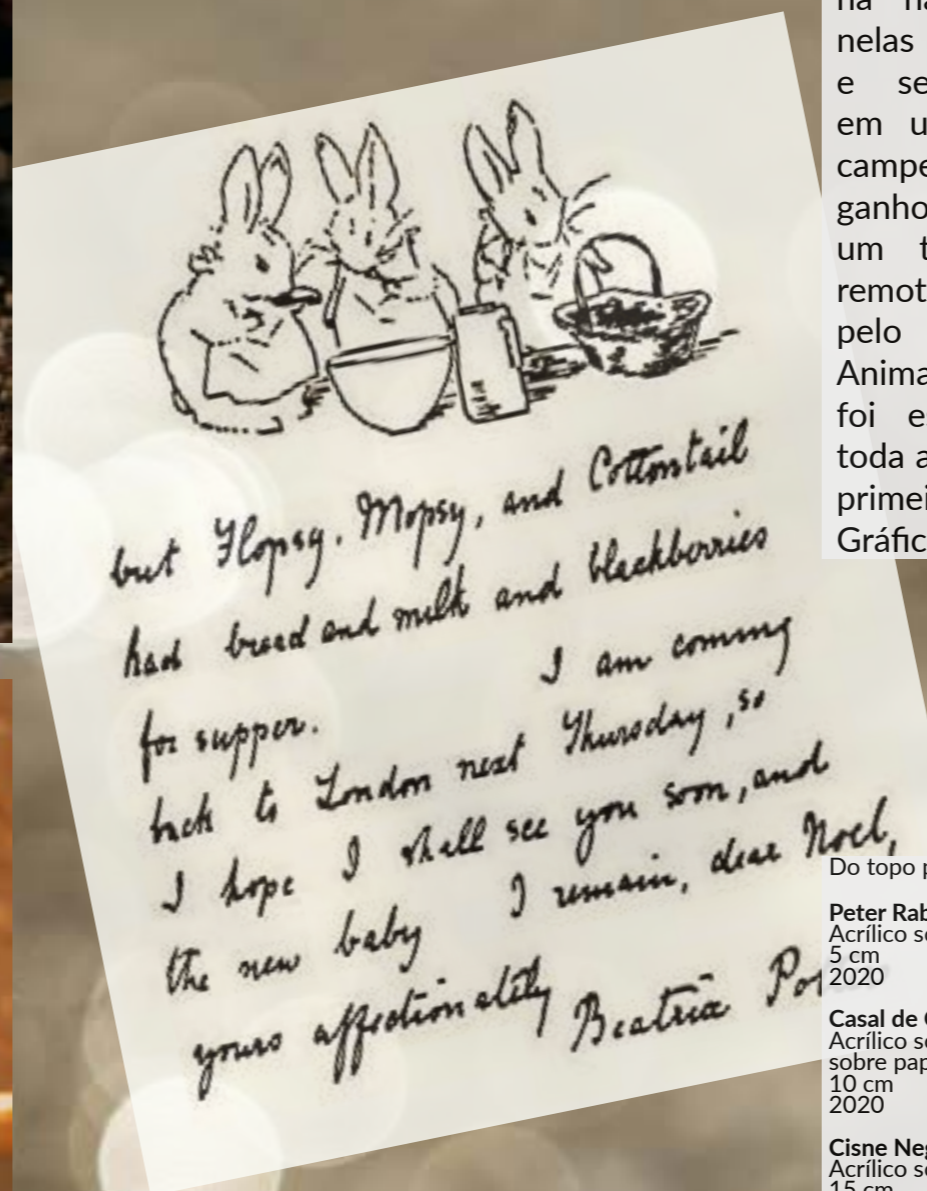


## RODRIGO PALADINO

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Visão de mundo

Rodrigo Paladino, natural de São Paulo (SP), é artista plástico autodidata e designer gráfico por formação. O artista cria miniaturas e aquarelas geralmente inspiradas na natureza, transmitindo nelas a profundidade e sensibilidade poética em um estilo vintage e campestre. Em 2015 anos ganhou um prêmio por um teste de animação remotamente, na Inglaterra, pelo estúdio Aardman Animations, e na faculdade foi escolhido para criar toda a identidade visual da primeira semana de Design Gráfico da Universidade.



Do topo para baixo

**Peter Rabbit na Noz**  
Acrílico sobre porcelana fria e madeira  
5 cm  
2020

**Casal de Cisnes na Latinha**  
Acrílico sobre porcelana fria e aquarela sobre papel  
10 cm  
2020

**Cisne Negro no Porta-Jóias**  
Acrílico sobre porcelana fria e cerâmica  
15 cm  
2020

A tradicional questão sobre o que é arte se faz muito presente no trabalho de Rodrigo Paladino, já que ele não trabalha com os suportes ou as soluções consideradas tradicionais. Há obras em que se vale de tampas de vidro de palmito, por exemplo, lida com resignificação e reciclagem, temas muito presentes nas discussões de arte contemporânea. Também utiliza a aquarela sobre papel, tinta acrílica sobre metal, porcelana fria e madeira. São diversos materiais que lhe permitem atingir os resultados que busca para expressar a sua visão de mundo. Também se vale de simbolismos, como o da mariposa, associado, por seus hábitos noturnos e por buscar a luz, como um símbolo de transformação, de passagem e de renascimento, pelo período que passa como larva antes de assumir a forma de mariposa, com cores mais escuras e pardas do que as borboletas, que tem hábitos diurnos. Ao lidar com essas dimensões, Rodrigo Paladino nos oferece a sua visão de mundo.



## SALETE LOTTERMANN

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

**Pílula Visual:**  
Expressão do feminino

Salete Lottermann é artista plástica, natural de M.C. Rondon - PR, usa tinta acrílica, argila, madeira, arame, fios e tudo o mais que a inspira a criar. Fez EMBAP em Curitiba, onde frequentou diversos ateliês livres de pintura. Em Lisboa, ateliê livre de escultura. Em 2018 se apaixonou pela cerâmica, principal técnica que usa atualmente. Premiada em alguns Salões e Mostras de Arte em que participou; fez 4 individuais e várias coletivas. Sua temática gira em torno da figura feminina e suas questões.

O feminino se expressa na arte de muitas maneiras. Quando vai para o tridimensional, surgem aproximações com todo um universo relacionado ao espaço da casa, da roupa, do bordado, da sedução, dos segredos guardados por uma educação machista levou as mulheres a se fecharem cada vez mais dentro de si mesmas. A cerâmica e a escultura são mecanismos, sob esse aspecto, de libertação da mente e do corpo. Salete Lottermann expressa esses caminhos com uma linguagem própria. Consegue dar à sutileza da mulher a força de um discurso do existir. As peças ganham em significado quando são vistas e interpretadas nesse contexto de um feminismo que conquista espaço pela expressão visual, construindo um discurso que dá forma e voz aos sentimentos mais íntimos, guardados por gerações, que afloram com força, energia e sensibilidade artística.

No topo:

**Eu, Ventania**  
Cerâmica  
40x45x40 cm  
2020

**Ensaio sobre o Abraço**  
Cerâmica  
40x45x20 cm  
2020

Abaixo:

**Maria**  
Cerâmica  
28x12x12 cm  
2019

**Mila**  
Cerâmica  
32x14x14 cm  
2019



## SARAH BALKO

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Brevidade da vida



Sarah Balko, brasileira, 22 anos. É artista plástica autodidata, graduada em arquitetura e urbanismo, light designer e atua no mercado de arquitetura de interiores no mercado de luxo. Utiliza-se da técnica de pintura e seu estilo é tanto o figurativo, quanto o abstrato, além de de expressionista e também surrealista.

A expressão “Vita brevis, ars longa”, popularizada pelo poeta latino Sêneca encontra as suas raízes nos escritos do grego Hipócrates, conhecido como o pai da Medicina no Ocidente, e dialoga com a obra de Sarah Balko nos trabalhos “Life Pop’s: preto no branco”, que lidam com o conceito da duração da vida, que se esvai na brevidade da explosão de uma bolha de sabão. A existência seria justamente um momento fugidio. A vida se dá em um breve instante perante a imensidão do universo, e tudo aquilo que diversas vezes julgamos importante não passa de uma expressão de vaidade, algo presente nas letras de muito do que se escreve e do que se faz. Vale a pena lembrar os versos completos da citação romana: “A vida é breve,/ a arte é longa,/ a oportunidade passageira,/ a experiência enganosa,/ e o julgamento difícil”. Ao trazer esses questionamentos, a obra de Sarah Balko nos encanta e nos faz valorizar o momento presente com humildade, reduzindo nosso ego perante a magnificência do mundo.

Da esquerda para direita:

Life's Pop no. 2  
Acrílico sobre madeira  
92x70 cm  
2020

Life's Pop no. 1  
Acrílico sobre madeira  
92x70 cm  
2020

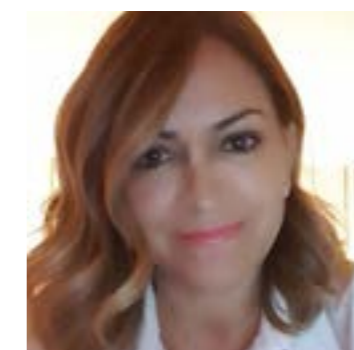




No topo:  
**Resiliência**  
Óleo  
70x100 cm  
2020

**Tues Olhos me Encontram**  
Óleo  
60x60 cm  
2020

Abaixo:  
**Vai Dar Tudo Certo**  
Óleo  
100x120 cm  
2020



## SUZANNE GOMIDE

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual: Olhar renovado

Suzanne Gomide vive em Uberlândia-MG. Arquiteta e artista Plástica, trabalha com óleo e acrílica sobre tela, tendo com foco a figura humana. Trabalha com a idéia do poder transformador da arte em todos os sentidos. A crença de que, através da arte, podemos reabilitar vidas e curar almas. Seu trabalho é uma convergência de jornadas rumo à essência que há em cada um de nós. Uma de suas últimas participações em exposições foi na coletiva "RESISTENCIA DA ARTE", em São Paulo-SP.

Há uma plenitude intensa nos trabalhos visuais de Suzanne Gomide. Ela se manifesta de diversas maneiras. Talvez a principal esteja na forma como a cor surge, variado entre a força e a delicadeza de acordo com o objetivo. As suas criações trazem um pensar sobre como a arte é uma maneira de travar um diálogo consigo mesmo e com o entorno. Trata-se de um processo complexo, pois cada novo trabalho, de certo modo, é um recomeçar. Existe todo um saber acumulado que se manifesta não apenas no fazer propriamente dito, mas na construção de cada projeto visual. O essencial está em que a arte seja verdadeira, ou seja, que cristalize em imagens um sentimento, uma percepção e uma interpretação do mundo conhecido que nos leva a mergulhar em uma outra dimensão, serdesvendada com olhar renovado.



## VINI COSMOS

**CRÍTICA DE ARTE**  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Cores e formas

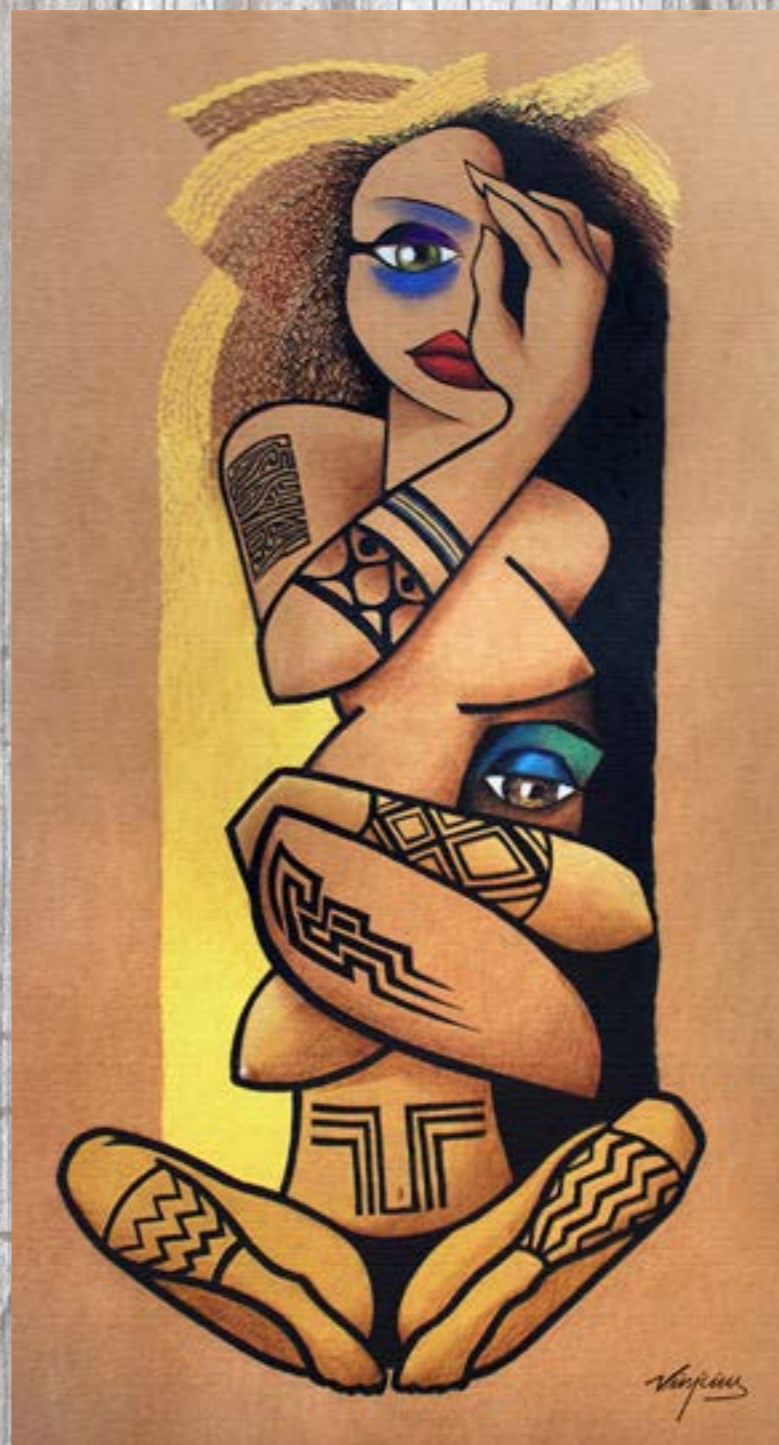
Vini Cosmos tem trabalhos repletos de formas, principalmente retângulos, círculos, linhas. Essas formas remetem a duas fases da vida dele. Até os seus quinze anos de idade morou na cidade de São Paulo, sempre o encantou por ser um lugar com prédios altos e por ter o movimento frenético dos carros e pessoas. E segunda fase, após ter se mudado para Sorocaba e que diferentemente de São Paulo com seus prédios, carros e muitas pessoas, trouxe mais tranquilidade sem o agito da cidade grande. Atualmente tenho me dedicado em evoluir as minhas técnicas e a minha identidade artística, através de estudos e muita produção.

Cores e formas são dois dos principais recursos visuais de que o artista plástico dispõe. É pela intuição e pela racionalidade que cada artista faz as suas escolhas, seja em movimentos mais expressivos, em que a sensibilidade aflora, ou mais intimistas, marcados pela delicadeza. Vini Cosmos consegue realizar alternâncias e cruzamentos nessa caminhada, que tanto percorre veredas de maior liberdade gestual como momentos que trazem ao primeiro plano uma introspecção mais próxima do Oriente. Existe um diálogo entre essas vertentes, tanto na cor como na forma. A sensibilidade e a técnica de um criador se manifesta justamente nos processos que desenvolve para manter o frescor de suas obras no sentido de oferecer sempre novas abordagens no desenvolvimento de suas manifestações artísticas. Esse é o desafio constante de todo criador visual.

Do topo para baixo:

**COC**  
Técnica mista  
50x100 cm  
2020

**Sensation**  
Técnica mista  
70x100 cm  
2020



## VINICIUS DE PAULA

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Totens femininos

Vinicius de Paula, nascido em Salto Grande do Paranapanema, SP, artista visual e designer gráfico. Trabalho com pintura, desenho, escultura e arte digital. Em minha série mais recente, exposta integralmente em individual em São Paulo, e parcialmente em coletivas em Vila Nova de Gaia, Porto e no Festival Latino Americano de Arte em Viena, utilizo a técnica do carvão sobre cartão kraft, explorando a rusticidade e a cordo material. Me interessa por grafismos, signos e texturas e boa parte do meu trabalho é relacionado à figura feminina e as relações de maternidade, amizade, amor e poder.

Da esquerda para direita:

**Luz del Fuego**  
Carvão e pastel sobre papel kraft  
48x132 cm  
2018

**Yawanamá Piá**  
Carvão e pastel sobre papel kraft  
48x66 cm  
2020

**Ser 2**  
Carvão e pastel sobre papel kraft  
66x96 cm  
2019

A poética visual de Vinicius de Paula trabalha, no mínimo, com dos eixos muito importantes na série em que se vale do carvão e pastel sobre papel kraft. Por um lado, desenvolve uma poética em que as mulheres têm um papel fundamental como ícone das raízes, das origens e das forças interiores que geram e alimentam a sobrevivência nas mais diversas culturas. Por outro, há a valorização do totem, como índice da verticalização que conecta o mundo terreno com aquele que está além. A técnica utilizada faz com que a cor do suporte se integre à imagem em um conjunto visual em que as presenças dialogam com as ausências. O resultado final traz leveza e profundidade. Existe uma reflexão sobre a existência feminina em sua sacralidade e na sua força cotidiana de dialogar com o mundo. Vinicius de Paula trabalha com esses elementos com muita sensibilidade e delicadeza, mostrando que a arte tem um de seus pontos mais altos quando se dá no reino das sugestões.



Da esquerda para direita, do topo para baixo:

**Paisagem de Inverno**  
Acrílico  
70x170 cm  
2018

**O Agora**  
Técnica mista  
60x80 cm  
2020

**A Essência**  
Acrílico  
140x60 cm  
2019



## WILLIAM GRANDE

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual: Vigor da pintura

William Grande é graduado em Arquitetura e desde 2017 dedica-se à Arte como profissão. Em sua pintura predomina a técnica espatulada, com sobreposição de camadas, texturas e acúmulo de material pictórico. A arte transita entre o figurativo e abstrações que sugerem equilíbrio entre o racional e o intuitivo. A forte conexão com as árvores e a natureza de modo geral, incita reflexões sobre o ser humano e a natureza, que muitas vezes transcende o contexto físico através de horizontes infinitos.

Apintura de William Grande se realiza com vigor. Isso significa que existe nela um potencial de discussões sobre a própria essência do ato de pintar. O assunto pode ser ou não uma paisagem, pois a grande questão que suas obras levantam está na natureza mesma da representação visual como um campo de mistérios. O artista lida com o espaço de modo a criar atmosferas em que as tonalidades que vão do preto ao branco, passando pelos cinzas, podem dialogar com ocre, num processo caracterizado pela capacidade de a arte de representar algo, mas, acima de tudo, de ser algo em si mesma, um espaço de magia a erguer perguntas. Portanto, a arte de William Grande se dá pelo talento de discutir dois níveis visuais igualmente importantes: o das técnicas e escolhas formais para construir seus climas e o da potência da arte como representação do mundo.





Do topo para baixo:

**Aglomeración**  
Acrílico espatulado  
70x50 cm  
2020

**Lagoa da Jansen**  
Acrílico espatulado  
120x90 cm  
2020



## WILSON BOZZÓ

CRÍTICA DE ARTE  
por Oscar D'Ambrósio

Pílula Visual:  
Inquietações visuais

Wilson Bozzó, de Cururupu – MA, é designer, pintor e carnavalesco. Possui graduação em desenho industrial e pós-graduação em: carnaval e figurino, turismo e Carnaval. É especialista em Artes Visuais e doutorando em artes visuais. Recebeu as seguintes premiações: Mostra de Design Expodesign/ Toumon – França (1995); Destaque Movelsul - Brasil (1996); Brasil Design/FIESP – Fair'97 – Alemanha (1997); Troféu UFMA (1997); Prêmio América do Sul Movelsul, RS – Brasil (1998); Expodesign Salão Negro do Congresso Nacional – Brasília – DF - Brasil (2005).

Há algo muito importante na pintura: o diálogo entre as impressões que o mundo deixa no artista e aquilo que ele deseja expressar. Trata-se de um jogo que não tem respostas simples. É nessa complexidade que a arte atinge alguns de seus melhores momentos. As obras de Wilson Bozzó trabalham justamente nessa dualidade. A luminosidade proposta evoca algumas vezes o conhecimento que se tem do que chamamos realidade por meio dos olhos, das cores e das tonalidades. Já o gestual da pincelada transmite uma maneira de interpretar a si mesmo e ao mundo. Essas reflexões provêm da maneira como cada artista enfrenta os desafios que se propõe a enfrentar e que vão se multiplicando ao longo de seu percurso, movido por inquietações externas e internas. Dessa conversa, surge um trabalho progressivamente mais maduro e profissional, juntando a intuição à técnica no resultado ofertado ao observador.

# CONTATOS

**NOME**  
**ENDEREÇO DE EMAIL**  
**PERFIL DE INSTAGRAM**

## **PUBLICAÇÃO:**

**ARTRILHA EDITORA**  
editora@artrilha.com.br  
@artrilha

## **EDITORIAL:**

**EDNA CARLA STRADIOTO**  
edna@ednastradioto.com.br  
@estradioto

## **PREFÁCIO:**

**PATRÍCIA REIS BUZZINI**  
patrbuzzini@hotmail.com  
@patriciareisbuzzini

## **COLUNISTAS:**

**ROSA ARTIGAS**  
-  
@rosa.artigas

**OSCAR D'AMBRÓSIO**  
odambros@uol.com.br  
@oscardambrosioinsta

**RUI AMARAL**  
ruiamaral@artbr.com.br  
@ruiamaral\_

# CONTATOS

**ALCINA MORAIS**

alkinoe.52@gmail.com  
@alcinamoraaiis

**ALE NEVES**

alessandraneves.art@gmail.com  
@aleneves\_art

**ALESSA BAGGIO**

artista@alessabaggioart.com  
@alessabaggioart

**ALZIRA CHALOUB**

alzirabrittopereira@gmail.com  
@achaloub.art

**ANA VERONA**

anacristina.pimentel@gmail.com  
@anaverona\_artes

**ANDREA KRAUSE**

andrea\_ck@terra.com.br  
@andreckstudio

**ANGELA CANABRAVA**

angelacanabrava@gmail.com  
@angela.canabrava

**ARICLENES SILVA**

ary\_fran@yahoo.com.br  
@ary\_fran

**CAMILA BORANGA**

camilaboranga@yahoo.com  
@camilaborangabaptista

**CAROL VERONA**

clverona@gmail.com  
@clverona

**CRISTHINA BASTOS**

atelier.cristhinabastos@gmail.com  
@cristhinabastos

**CRISTINA BOTTALLO**

cristina.bottallo@gmail.com  
@cristinabottallo e @cristinabottallostudio

**DANIELE BLORIS**

daniele.bloris@yahoo.com  
@daniele.bloris

**DINORAH ROSENCRANTZ**

d.rosencrantz@outlook.com  
@dinorahrosencrantz

**ELIANA PIERRI**

eliana.pierrri64@gmail.com  
@eliana.pierrri

**ELIANE MAGNANI**

elianemagnani@gmail.com  
@artistaelianemagnani

**EMILIA GOLA**

emiliag.arq@gmail.com  
@emilia\_art\_gola

**ERICA BRUNO**

ericabrunodesign@gmail.com  
@eranopapel

**FE MOTTA**

feguitarraleao@gmail.com  
@fe\_motta\_art

**GÊIZA BARRETO**

geiza@geizarte.com  
@geizarte

**GINA CASTELO BRANCO**

ginac.branco@hotmail.com  
@ginacastelobrancoart

**INDIARA NICOLETTI**

nicolettiramosindiara@gmail.com  
@indiaranicoletti

**JAN M.O.**

contato@janmo.com.br  
@jan.m.o

**JU BARROS**

jubarros.art@gmail.com  
@jubarros.art

**LICIA VALLIM**

licia.vallim@gmail.com  
@liciavallim.artist

**MARCELO LOPES**

marcelolopes\_arts@yahoo.com.br  
@marcelolopesarts

**MARIA HELENA BREDA**

mh.breda@hotmail.com  
@mariahelenabreda

**MARILENE ZANCCHETT**

marilenemzanchet@gmail.com  
@marilenezancchett

**MONICA MENDES**

monicamendes813@gmail.com  
@monicamendesartista

**PATRICIA SKURA**

triciask@hotmail.com  
@patriciaskuraartes

**PLINI F**

floriana.plini@bol.com.br  
@plini\_f

**REJANE ARRUDA**

rejane7karruda@yahoo.com.br  
@rejanearrudare

**RODRIGO ELOI**

rodrigoeloi.art@gmail.com  
@rodrigo.eloi

**RODRIGO PALADINO**

rcppaladino15092000@gmail.com  
@paladino.art

**SALETE LOTTERMANN**

slottermann@hotmail.com  
@salette\_lottermann

**SARAH BALKO**

sarahbalko@hotmail.com  
@sarahbalko\_portfolio

**SUZANNE GOMIDE**

suzannegomide@yahoo.com.br  
@suzannegomide

**VINI COSMOS**

viniciusc88@hotmail.com  
@vinicosmos\_art

**VINICIUS DE PAULA**

viniciusdepaula@yahoo.com  
@depaula.vinicius

**WILLIAM GRANDE**

wgrandearte@gmail.com  
@williamgrande.art

**WILSON BOZZÓ**

wbozzodesign@gmail.com  
@wilsonbozzo





ISBN: 978-65-991768-1-4

**CDL**



9 786599 176814

@ARTRILHA